

ANDRÉ RODRIGUES DOS SANTOS

**JUVENTUDES E EVANGELIZAÇÃO: A CONTRIBUIÇÃO DE
JOÃO BATISTA LIBANIO PARA A EVANGELIZAÇÃO DAS
JUVENTUDES**

BELO HORIZONTE

FAJE - Faculdade Jesuíta de Filosofia e Teologia

2016

ANDRÉ RODRIGUES DOS SANTOS

**JUVENTUDES E EVANGELIZAÇÃO: A CONTRIBUIÇÃO DE
JOÃO BATISTA LIBANIO PARA A EVANGELIZAÇÃO DAS
JUVENTUDES**

Dissertação apresentada ao Departamento de Teologia da Faculdade Jesuíta de Filosofia e Teologia, como requisito parcial à obtenção do título de Mestre em Teologia.

Área de concentração: Teologia da Práxis Cristã

Orientador: Prof. Dr. Afonso Tadeu Murad, SM

Apoio: CAPES

BELO HORIZONTE

FAJE - Faculdade Jesuíta de Filosofia e Teologia

2016

Agradecimentos

A Deus pelos dons da vida e da fé e, sobretudo por sua constante presença amorosa ao longo deste caminho percorrido.

Aos meus pais, meus primeiros educadores na fé que com muita destreza conduziram-me nos caminhos da vida.

Aos meus irmãos Aguinaldo, Andréia, Anderson e Ester pelo companheirismo e carinho.

Aos meus amados sobrinhos Pedro Arthur e Lívia Beatriz.

Ao meu orientador, Afonso Murad, pela competência, dedicação, cuidado e paciência na orientação, pela correção deste trabalho e pela presença amiga ao longo deste tempo.

À FAJE, na pessoa do Pe. Geraldo de Mori, coordenador do Programa de Pós-Graduação em Teologia.

A todos os professores, pelo empenho no ensino da teologia.

Aos funcionários da biblioteca, pelo bom atendimento, em especial

Aos colegas e às colegas de Mestrado, pela convivência fraterna.

Aos Irmãos da Congregação dos Irmãos do Getsêmani, que me apoiaram e incentivaram durante este período.

Ao Pe. Euclides, a quem palavras não expressariam minha gratidão por tudo.

“O ideal vale mais do que a vida. É melhor perder a vida do que o ideal. Pois quem busca sinceramente um ideal sublime terá seu nome marcado nas páginas dos imortais”.

Pe. Euclides Bebiano dos Santos

Resumo

A evangelização da juventude é uma árdua missão da Igreja no Brasil. As Conferências Episcopais Latino-Americanas alertam sobre esta necessidade urgente na ação pastoral. Entretanto não é uma missão fácil. Diante das mudanças culturais e sociais advindas com a modernidade, os jovens, em sua grande maioria, afastaram-se da instituição por diversos motivos, seja por não compreender a Igreja, seja por não serem compreendidos por ela. A presente dissertação busca aprofundar a temática da evangelização das juventudes, com base nas orientações da Igreja e, sobretudo, nas contribuições do teólogo João Batista Libanio para a realização desta missão que é árdua mas, ao mesmo tempo, empolgante. A pastoral da juventude que Libanio propõe é “com” e “para” os jovens. Identifica a realidade em que o jovem está inserido, quais são os questionamentos e inquietações que eles apresentam. Leva os jovens a compreenderem que a Igreja se interessa por eles e está aberta para que eles exerçam seu protagonismo.

Palavras-chave: Juventudes, evangelização, tendências, Libanio.

Abstract

The evangelization of youth is an arduous mission of the Church in Brazil. The Latin American Bishops' Conferences warn about this urgent need in pastoral action. However it is not an easy task. In the face of cultural and social changes brought by modernity, the young, for the most part, away from the institution for various reasons, is not to understand the Church, is not to be understood by it. This dissertation seeks to deepen the theme of the evangelization of youth, based on the Church's guidelines and, above all, the contributions of the theologian João Batista Libanio to carry out this mission it is difficult but, at the same time exciting. The pastoral care of youth Libanio proposes is "with" and "to" young people. Identifies the fact that the young man is in, what are the questions and concerns they present. It takes young people to understand that the Church cares for them and is open for them to exercise their role.

Key Words: Youth, evangelization, trends, Libanio.

Siglas

AA: Decreto Apostolicam Actuositatem.

DAP: Documento de Aparecida

DGAE: Diretrizes Gerais da Ação Evangelizadora da Igreja no Brasil.

DP: Documento de Puebla

JAC: Juventude Agrária Católica

JEC: Juventude Estudantil Católica

JIC: Juventude Independente Católica

JOC: Juventude Operária Católica

JUC: Juventude Universitária Católica

Sumário

Introdução	9
Resumo	15
Capítulo I: Caracterização das Juventudes	16
1.1 Adolescência.....	16
1.2 Juventude	20
1.3 As faces da juventude na pós-modernidade.....	23
1.4. Juventudes e relações modernas	25
1.5 Conclusão do capítulo: acima de tudo, o amor.....	32
Capítulo II: As juventudes na visão da Igreja.....	34
2.1. A opção preferencial pelos jovens no documento de Puebla	34
A juventude da América Latina	35
Os jovens e a Igreja.....	36
Critérios pastorais	36
O jovem na Igreja	37
Aplicações concretas: Comunhão e compromisso	37
Formação e participação	37
2.2. Documento 85: “Evangelificação da Juventude”.....	39
Perfil da juventude brasileira	42
Valor da experiência acumulada da Igreja.....	43
Linhas de ação	44
2.2.6. Conclusão	47
2.3. Documento de Aparecida	47
2.4. Diretrizes Gerais da Ação Evangelizadora da Igreja no Brasil 2011-2015	49
2.5. Conclusão do capítulo.....	51
Capítulo III: João Batista Libanio e as juventudes	52

3.1. A compreensão de Libanio sobre as juventudes	52
3.1. Tendências pessoais e respostas pastorais	60
3.2. Tendências na vida escolar, acadêmica	63
3.3. Tendências nas relações comunitárias	65
3.4. Tendências no mundo cultural	68
3.5. Tendências no mundo religioso	69
3.6. Tendências na sociedade e política	72
3.7. Conclusão do capítulo	74
Conclusão Geral	76
Referências	81
Principal	81
Secundária	81
Complementar	82
Anexo I	85

Introdução

Natural de Belo Horizonte-MG, João Batista Libanio, nasceu no dia 19 de fevereiro de 1932¹. Vem de uma família mesclada da vida catedrática do pai, professor de medicina, com a piedade da mãe, profundamente religiosa. Participava da Paróquia São José, no centro de Belo Horizonte. Onde teve seu primeiro contato com os jesuítas, através do missionário Pe. Arlindo Vieira que havia pregado nessa igreja. Aos 12 anos de idade entrou para o seminário dos jesuítas, no Rio de Janeiro onde, pouco antes de completar 16 anos, passou para o noviciado. Sempre interpretou os acontecimentos em sua vida, como sinais da presença efetiva de Deus em seus caminhos.

Vivenciou as transformações trazidas à Igreja pelo Concílio Vaticano II. Alimentou-se, conheceu e teve algumas experiências com teólogos presentes no Concílio. Teólogos aos quais, Libanio dizia dever muito do que aprendeu a eles. Exercendo a função de Orientador de Estudos no Pontifício Colégio Pio Brasileiro, em Roma, esteve presente na solenidade de inauguração da segunda sessão do Vaticano II. Teve a oportunidade de participar de diversas conferências, nos campos da teologia moral, sociologia e exegese, de teólogos que estiveram presentes na três últimas sessões do Concílio. Dentre esses teólogos conferencistas, destacou-se K. Rahner, E. Schillebeeckx, Hans Küng, Oscar Cullmann, Y. Congar, B. Häring. Além de contato direto com Josef Ratzinger, teólogo com quem Libanio teve encontros pessoais diretos.

Após terminar o doutorado em Teologia, pela Pontifícia Universidade Gregoriana de Roma, Libanio retornou ao Brasil. O país vivia o regime militar. Neste clima de hostilidade, começou a trabalhar com a juventude universitária e com os jovens que estavam terminando o ensino médio. Com a juventude Libanio incentivava sempre o pensamento crítico. Enveredado na Teologia da Libertação, atuou pelas camadas populares da sociedade junto às Comunidades Eclesiais de Base, através de assessorias e reflexões teológicas. Desenvolveu ampla atividade junto aos religiosos e religiosas. Por 11 anos dedicou-se à Equipe Teológica da CRB. Percorreu quase todo o Brasil, a maioria dos países da América Latina e alguns da Europa, auxiliando diversas Congregações religiosas, com cursos, formações e assessorias em capítulos.

¹ INSTITUTO HUMANAS UNISINUS. *Uma Igreja mais pastoral e menos administrativa*: Entrevista especial com João Batista Libanio. Entrevista em sua íntegra no Anexo I, p. 85.

No campo intelectual, Libanio, no Brasil, atuou como professor de teologia e escritor. Lecionou teologia na graduação e pós-graduação na Faculdade Jesuíta da Filosofia e Teologia. Além de acompanhar estudantes, orientou monografias, dissertações e teses, ministrou cursos, palestras e congressos, não se restringindo ao Brasil. Aproveitava bem seu tempo, de modo que sempre lançava algum escrito, seja livros, capítulos de livros, artigos científicos, colunas do jornais, jornais pastorais. Sempre com a desenvoltura de escrever para eruditos e menos conhecedores de determinado assunto. No campo pastoral, assumiu a missão de vigário paroquial na Paróquia Nossa Senhora de Lourdes, em Vespasiano. Colaborou com esta paróquia celebrando, ministrando cursos, palestras, formações e acompanhamento aos paroquianos mais necessitados, sobretudo os doentes.

Sobre sua forma de pensar e dialogar com o mundo, Libanio² optou por espelhar na Constituição Pastoral *Gaudium et Spes*, articulando os problemas da contemporaneidade com a luz da fé. Neste sentido escreveu algumas obras como: *Olhando para o futuro: perspectivas teológicas e pastorais do Cristianismo na América Latina*, 2003; *Teologia da revelação a partir da modernidade*, 2005; *Eu creio, nós cremos: tratado da fé*, 2005; *Os carismas na Igreja do Terceiro Milênio: discernimento, desafios e práxis*, 2007; *Em busca de Lucidez: o fiel da balança*, 2008; *A Religião no início do milênio*, 2012.

Sua contribuição para compreender e acompanhar as juventudes é notória. Após retornar ao Brasil, Libanio trabalhou diretamente com jovens do Rio de Janeiro, Minas Gerais e São Paulo. Com estes jovens, Libanio reunia-se frequentemente, sobretudo em feriados prolongados, com o intuito de realizar estudos, reflexões e momentos de espiritualidade. Acompanhou movimentos jovens como TLC (Treinamento de Liderança Cristã), CJC (Cursos da Juventude Cristã, que posteriormente, alguns passaram a adotar o nome de Comunidade de Jovens Cristãos)³. Na pastoral com os jovens Libanio inicia um novo grupo que recebera o nome de “Tropa Maldita” e era composto por jovens dotados de grande potencial de reflexão humana, intelectual, espiritual e social. Deste grupo destacam-se as figuras atuais de Chico Pinheiro, jornalista e repórter da Rede Globo e Faustino Teixeira, teólogo e professor do Programa de Pós-Graduação em Ciência da Religião da Universidade Federal de Juiz de Fora.

² Cf. LIBANIO, João Batista. Acolhi a vida como dom. IHU on Line, São Leopoldo, v.12, n.394, p. 7-12, 28 maio 2012.

³ Cf. MURAD, A. Libanio, o teólogo que pensou sobre/com a juventude. *Atualidade Teológica*, Rio de Janeiro, v.48, p. 590, set./dez. 2014.

No *Festschrift*⁴ organizada por Afonso Murad e Vera Bombonato, a Libanio, por ocasião de seus 80 anos de vida, um dos seus “discípulos”, Faustino Teixeira, relata sobre sua experiência com Libanio na *Tropa*:

Há que registrar igualmente a viva presença de Libanio no acompanhamento da pastoral da juventude já no início de sua chegada ao Brasil. Registra-se sua presença nos Cursos de Juventude Cristã (CJC) no início da década de 1970 e logo depois, a partir de 1972, no acompanhamento dos universitários da assim denominada *Tropa Maldita*, um núcleo nacional de jovens procedentes dos CJs que buscavam novos canais de reflexão e de atuação na realidade nacional (...) Muitas lideranças em vários âmbitos profissionais nasceram desse grupo, que se manteve unido por mais de três décadas, e que ainda se encontra em momentos singulares. Foi um espaço particular de presença e atuação de Libanio, onde pôde imprimir sua marca de formador, mestre espiritual e iniciador intelectual.⁵

Junto à *Tropa*, Libanio estabeleceu laços profundos e íntimos. Ensinou e aprendeu. Acompanhou os jovens, conduzindo-os nos processos de amadurecimento e crescimento humano, intelectual e espiritual. Esta vivência com a *Tropa* suscitou a primeira obra de Libanio abordando a temática da juventude, em 1978, *O mundo dos jovens: reflexões teológico-pastorais sobre os movimentos de juventude da Igreja*. Sobre a atenção de Libanio para formar novas lideranças, Murad assim relata:

Especial importância ganharam os Cursos de “Formação da consciência crítica”, relacionados com obras publicadas com este título. Destinavam-se a potenciais agentes de pastoral, jovens e adultos, religiosos/as consagrados e presbíteros. Libanio sempre teve em mente a necessidade de formar novas lideranças. Identificava pessoas com potencial, oferecia-lhes oportunidades de desenvolver suas aptidões, ensinava-lhes a pensar, a refletir, a escrever e a produzir. Associava jovens teólogos à sua produção literária, de forma a lançá-los neste campo de conhecimento. Assim sucedeu por exemplo, com Maria Clara Bingemer, convidada a escrever com ele a obra de Escatologia, da coleção “Teologia e Libertação”⁶

Atento às mudanças da pós-modernidade, Libanio, em 2004, lança um novo livro destinado aos trabalhos com a juventude: *Jovens em tempo de pós-modernidade: considerações socioculturais e pastorais*. Nesta obra faz uma contextualização das juventudes em face da influência da pós-modernidade e suas implicações aos jovens. Por fim, em 2011, lança *Para*

⁴ Termo alemão aplicado a um livro que homenageia reverencialmente um autor que se destaca por sua produção científica e literária e contribui qualitativamente em distintos campos da sociedade civil. Cf. MURAD, A. BOMBONATTO, V. (Org.). *Teologia para viver com sentido: homenagem aos 80 anos do teólogo João Batista Libanio*. São Paulo: Paulinas, 2012. p. 8.

⁵ TEIXEIRA, Faustino. Cultivo da formação e da vida intelectual. In: MURAD, A. BOMBONATTO, V. (orgs). op. cit., p. 165-166.

⁶ MURAD, A. Libanio, o teólogo que pensou sobre/com a juventude. *Atualidade Teológica*, 2014, p. 593.

onde vai a juventude? a última obra focada na juventude. Neste livro, faz análises das tendências da juventude nos âmbitos pessoal, familiar, acadêmico, profissional, político e religioso. É um norteador aos agentes pastorais juvenis e educadores. Em 2008, Libanio lançou *Juventude, seu tempo é agora*, pela editora Ave-Maria. Trata-se de um conjunto de artigos que foram escritos, ao longo dos anos, para a Revista Ave-Maria. Nesta coletânea de 27 artigos são tratados os mais diversos temas que os jovens vivenciam, com artigos belíssimos como *Juventude: sacramento da sociedade*.

Libanio articula seu pensamento em três eixos: perspectivas dialética, método genético-estrutural e a percepção heurística.

Perspectiva dialética: Libanio, ao abordar algum assunto, evita se posicionar de uma maneira unilateral. Ao analisar um fenômeno, observa, primeiramente, o que esse fenômeno tem de positivo, afirmando a positividade. Mesmo que seja algo que inicialmente não concorde com o grupo e/ou movimento mas, o primeiro passo a ser dado é identificar o que ele tem de positivo, afirmando sua positividade. O segundo passo do método é negar a negatividade, ou seja, identificar quais os limites do grupo, movimento ou tendência. O terceiro passo é propor algo para frente. Esse método dialético de Libanio apresenta a grande vantagem de uma abordagem honesta. Evita radicalismo e, ao mesmo tempo, desarma com sutilidade os adversários.

O método genético-estrutural analisa determinada situação desde sua criação até o momento atual. Ao abordar alguma questão, observa-se quais os fatores produziram o determinado fenômeno, sua gênese. Localiza suas causas históricas. Faz uma leitura diacrônica, através do tempo. Depois faz uma compreensão estrutural sincrônica: como ele é hoje.

A percepção heurística é uma característica que envolve o pensamento de Libanio, o método da síntese em forma de redescoberta. Descobre algo que vai além do que já existe. Ele assimila o pensamento de um determinado autor, articula o pensamento dele com novas descobertas.

Analisando a obra de Libanio sobre a juventude, pode-se dizer que quando lançou *Jovens em tempos de pós-modernidade*, ele refaz heurísticamente a trajetória da juventude

frente à sociedade. “A idade e a meditação da vida o fez mais que teólogo. A teologia e a filosofia constituem sua matriz. Mas transcende. Fez-se um sábio”⁷

Esta pesquisa tem como intuito refletir, à partir das três obras principais de Libanio sobre a juventude a seguinte questão: Qual a sua situação da juventude atual no Brasil? Quais as orientações pastorais a Igreja oferece à juventude? Qual a contribuição do teólogo João Batista Libanio para uma eficaz evangelização dos jovens?

Com a consciência de que há muito a trilhar na evangelização da Juventude, a Igreja do Brasil reflete sobre a contextualização juvenil diante da cultura atual. Esbarra na problemática de diversas ofertas da sociedade, na maioria das vezes, são conflituosas com o Evangelho. Além das dificuldades de dialogar com os jovens, a linguagem eclesial não se apresenta atrativa à juventude. Diante deste contexto, Libanio apresenta tendências das juventudes aos agentes pastorais que trabalham com elas, no intuito de conduzir os jovens no caminho do Reino, inaugurado por Jesus Cristo.

O grande desafio para a evangelização das juventudes é adentrar no mundo e cultura juvenil, falar a língua dos jovens. Leva-se em conta a responsabilidade de evangelizar que não quer dizer simplesmente anunciar a Palavra de Deus, ou levar uma pessoa a fazer parte da Igreja. O sentido consiste em levar à vivência com/em Deus, de renovar a vida, focando em novas metas. Paulo VI, na *Evangelii Nuntiandi* diz que

Evangelizar, para a Igreja, é levar a Boa Nova a todas as parcelas da humanidade em qualquer meio e latitude e, pelo seu influxo, transformá-las a partir de dentro e tornar nova a própria humanidade: “Eis que faço novas todas as coisas” (Gl 6,15). No entanto, não haverá humanidade nova se não houver, em primeiro lugar, homens novos, pela novidade do Batismo e da vida segundo o Evangelho. A finalidade da evangelização é, precisamente, esta mudança interior; e se fosse necessário traduzir isso em breves termos, o mais exato seria dizer que a Igreja evangeliza quando, firmada na potência divina da Mensagem que proclama, ela procura converter, ao mesmo tempo, a consciência pessoal e coletiva dos homens, a atividade em que eles se aplicam, e a vida e o meio concreto em que eles são próprios⁸.

Conforme Paulo VI, a evangelização não se refere à amplitude geográfica ou populacional em que a mensagem será levada, mas sobretudo que haja mudanças inspiradas na Palavra que é transformadora. O empenho junto à juventude consiste justamente em levar os jovens a “buscar as coisas do alto”, como na parábola da águia e a galinha⁹ de seu amigo

⁷ MURAD, A. Libanio, o teólogo que pensou sobre/com a juventude. *Atualidade Teológica*, op. cit., p. 596.

⁸ PAULO VI. *Evangelii Nuntiandi*, n. 18.

⁹ BOFF, L. *A águia e a galinha: uma metáfora da condição humana*. Petrópolis: Vozes, 2014.

Leonardo Boff, Libanio mostrou os caminhos para se chegar ao encontro profundo e autêntico com Deus. Não deu nenhuma fórmula de como trabalhar com a juventude de forma generalizada, mas apresenta possibilidades, tendências e propostas. Como ele mesmo disse em uma palestra para catequistas¹⁰, tendência é um termo mineiro que liga dois pontos, um de saída e um de chegada. E a própria pessoa, ao ver a tendência verá onde está neste percurso. Compete ao assessor que conduz o jovem a função levá-lo a dar um passo a mais em seu processo de evangelização. Para isso, necessita que compreender o nível em que cada jovem impulsionando-o à frente, ao próximo nível, a alçar voos cada vez mais altos.

Este trabalho consiste em três capítulos. O primeiro, *Caracterização das juventudes*, abordará a traços essenciais dos jovens: delimitação etária, definição de juventude/adolescência, as faces da juventude, suas relações com a modernidade, questões que compõem a realidade juvenil: rebeldia, violência, religiosidade, drogas e educação.

No segundo capítulo, o intuito é observar a visão que a Igreja tem para com a juventude, através dos Documentos de Puebla, Documento 85: evangelização da juventude, Aparecida e as Diretrizes Gerais da Ação Evangelizadora da Igreja no Brasil.

O terceiro capítulo, coração da dissertação, apresenta a visão do Pe. João Batista Libanio, SJ, sobre a juventude e suas contribuições para compreensão e, sobretudo, evangelização das juventude.

¹⁰ Juventude e catequese. Palestra ministrada no Centro Loyola às catequistas. s.d.

Resumo

Capítulo I: Caracterização das Juventudes

Por juventude compreende-se o período que vai, a partir do término da infância até se chegar à vida adulta. Entretanto, há que se considerar também o período da adolescência, que apesar ser compreendido como uma fase inicial da juventude, ou uma pré-juventude, já fornece indícios de traços que são característicos também da juventude. Faz-se necessário, então, uma distinção entre o que é juventude e o que é adolescência. Ambas são fases transitórias na vida do ser humano e que, por vezes, se confundem pela proximidade que têm entre si.

O início da fase adolescência/juventude é marcado por mudanças psíquicas a respeito das relações sociais, da atenção ao próprio corpo da descoberta de si, da ampliação do campo cognitivo, da afirmação da própria identidade. O término desse período é, por sua vez, marcado mais pela mudança da situação social, entrando no mundo do trabalho de adulto.¹¹

1.1 Adolescência

Após o período da infância, *in + fari* = não falar, não ter palavra própria, passa-se à adolescência, que traz consigo algumas peculiaridades, além das mudanças fisiológicas em seu corpo, como as alterações dos desejos, humor, inconstância da vontade, vulnerabilidade ao vício. Com o advento da puberdade – que se dá por volta dos onze anos de idade para meninas e dos quatorze anos de idade para os meninos – atingem a capacidade reprodutiva também. Com essa mudança passa a ter o interesse pelo sexo oposto. A fase da adolescência é o período caracterizado por levar ao indivíduo questões que relativas à formação de uma identidade que lhe seja própria. O que marca a adolescência, a partir da entrada na puberdade, são as mudanças físicas que desencadeiam na construção de uma identidade formada a partir da auto-imagem que o adolescente tem de si mesmo.

Numa visão romântica ou intelectual, é um período de transição nas capacidades cognitivas, emocionais e sociais do cérebro que permite que o indivíduo se torne um membro adulto da sociedade. Numa visão biológica mais crua, é também o período em que o cérebro se torna capaz de lidar com as competências reprodutivas adquiridas na puberdade e suas consequências.¹²

Herculano-Houzel considera a adolescência como um período de abstenção da infância. A abstinência, seja ela do que for, causa uma sensação de mal-estar. Essa sensação

¹¹ Libanio, 2004, p. 13.

¹² Herculano-Houzel. *O cérebro em transformação*. Rio de Janeiro: Objetiva, 2005. p. 15.

está diretamente ligada à redução ou baixa da atividade basal que fora suprimida. O que ocorre com o usuário de álcool e/ou drogas que deixam o vício, passam quase que instantaneamente pelo período de crise de abstinência daquela substância à qual seu organismo está acostumado a receber constantemente. O cérebro sente como se faltasse alguma coisa. Segundo a mesma autora,

o consumo de drogas é muito mais comum, constante, difícil de abandonar e problemático entre adultos que começaram a usá-las ainda na adolescência. Ao que tudo indica, a relação é causal: a origem da dificuldade de alguns adultos para largar uma droga está provavelmente no início do consumo durante a adolescência, que leva à formação de um sistema de recompensa pobre em receptores para dopamina¹³ e portanto propenso ao vício¹⁴.

O início, como se pode observar, é facilmente identificado pois, surgem “mudanças físicas, alterações corporais e hormonais de repercussões psíquicas. Envolvem componentes biopsíquicos e psicossociais. Afetam o desenvolvimento de interesses, o comportamento social, a qualidade da vida afetiva, já marcados por experiências anteriores”¹⁵.

A distinção entre adolescente e jovem, segundo Libanio, pode ser feita por três vias: biossômática, psicológica e cultural. Pela *via biossômática*, a medicina, sobretudo pediatria e hepatologia, aborda as alterações no corpo do adolescente motivadas pelas glândulas endócrinas que regem o crescimento. Ocorre neste momento uma mudança radical de estatura e da distinção sexual. Quando, em um determinado adolescente, esta mudança ocorre de forma diferente – seja para mais ou menos – de seus amigos dos círculos de convivência, traz a este adolescente, na maioria dos casos, problemas de identidade gerados pela insatisfação com seu próprio corpo.

No campo da neurociência, fala-se da maturação cerebral¹⁶. Para a neurocientista Herculano-Houzel, a adolescência “é a época inevitável de transição em que o cérebro da infância se transforma em um cérebro adulto”¹⁷. Entretanto, esta mudança ocorre de forma mais acelerada no corpo, tornando-o mais próximo do corpo adulto; e desacelerada na maturação cerebral. O corpo é muito próximo ao corpo adulto, com as capacidades de adulto e o cérebro ainda está mais próximo do cérebro da criança, sua maturação se dá de forma mais lenta. Isto

¹³ Segundo o site *InfoEscola*, dopamina é um neurotransmissor monoaminérgico. Está envolvida no controle de movimentos, aprendizado, humor, emoções, cognição, memória e sensação de prazer. A desregulação da dopamina está relacionada a transtornos neuropsiquiátricos como Mal de Parkinson, esquizofrenia.

¹⁴ Herculano-Houzel, 2005, p. 14.

¹⁵ Libanio, 2004, p. 15.

¹⁶ *Ibid.*, p. 15-20.

¹⁷ Herculano-Houzel, 2005, p. 17.

ocorre porque a parte do cérebro que é responsável pelos juízos é desenvolvida por último. Primeiro se desenvolve o segmento responsável pelos sentimentos e emoções. Nas palavras de Libanio:

Não estariam aí tantos erros nos namoros, nas amizades? O sistema de recompensa associa centros emocionais a outras partes do cérebro produzindo prazer. Daí a busca de prazer de emoções fortes, das drogas, das excitações violentas que estimulam a dopamina no cérebro dos adolescentes. E, por sua vez, com a diminuição da serotonina sentem-se mais propensos a agir impulsivamente.¹⁸

Pela *via da psicologia*, a pessoa humana passa pelo conflito interno entre tentar equilibrar diante de dois movimentos psíquicos opostos: conseguir a autonomia de si e obter relações sociais que vão além daquelas que têm em seu convívio familiar. Para conciliar este conflito, o adolescente tem duas fases: exploratória e projetiva. Na fase exploratória, ele almeja sua identidade, a definição de si mesmo, busca sua auto compreensão.

Essa identidade permeia as esferas biológica, familiar, afetiva, social. É uma identidade complexa de rapaz ou moça, numa família determinada que nem sempre é bem definida. Surgem dúvidas sobre a própria masculinidade ou feminilidade... O impacto da sociedade no jogo de inclusão e exclusão pesa muito. Os limites financeiros e culturais a que é submetido marcam-lhe a construção de si.¹⁹

Há neste período grande risco para o adolescente: o de ficar parado nesta fase, temendo sair para o momento de responsabilidades, retardando o amadurecimento, em aventuras e novas experiências buscando “o prazer de emoções fortes, das drogas, das excitações violentas”²⁰. Esta fase é um período de crise por faltar ao adolescente a consistência, continuidade, decisões certas e compromissos efetivos. A procura pelo sentido de vida se dá somente através do prazer das emoções instantâneas. Mas esta busca não traz consistência e solidez. Como consequência, refuta-se a autoridade, a disciplina, a organização e a responsabilidade. Busca-se superação de si mesmo no que se refere ao prazer. Enfrenta situações de autodestruição e coloca em risco a própria vida em aventuras perigosas, esportes radicais, corridas automobilísticas em alta velocidade. Manifesta o desejo de auto superação sádico, querendo vencer o outro e superar-se.

Na fase projetiva, o adolescente começa a ter projetos de vida, sonha ideais e corrige algumas questões da fase de exploração. Tenta a afirmação de si não mais no intuito de se conhecer, mas de se aprovar. Assume tarefas, faz escolhas objetivas que lhe servirão de balizas

¹⁸ Libanio, 2004, p. 20.

¹⁹ Ibid., p. 20.

²⁰ Ibid., p. 21.

a longo prazo. Quer se afirmar profissionalmente. Aquele que na fase exploratória se sentia de certa forma deprimido ou tímido, nesta fase se afirmará em seus projetos e ideais com mais consistência e perseverança. Neste período são consolidadas amizades.

Na idade da juventude, valorizam-se as relações sociais com iguais sob a forma de amizade, num primeiro momento, dos rapazes entre si e, em seguida, já mostrando interesse pelas meninas. Estas, em geral, abrem-se mais cedo para a amizade com rapazes. A preferência pela amizade é algo permanente na juventude.²¹

Quando está saindo da infância, o adolescente começa a procura de modelos para si, seus heróis, com quem encontra identificação. Ao longo da história, vê-se que vários foram os modelos almejados pelos jovens e adolescentes. Nos tempos em que se predominava a hegemonia religiosa, os modelos eram os santos. Com a secularização, os santos saíram de cena e deram lugar aos artistas de cinema, TV e músicos. Esses referências passaram para personagens políticos ligados a movimentos de revolução. Atualmente, percebe-se na sociedade, sobretudo devido à degradação da família, falta de referências para que jovens e adolescentes encontrem seus exemplos.

Cabe repensar seriamente a questão dos modelos para os jovens de hoje. Não basta ressuscitar os santos, nem simplesmente maquiá-los com traços pós-modernos, nem apresentar um Cristo feito à imagem e semelhança deles... Somente quando o jovem atingir a etapa sociocêntrica, com maior autonomia e interdependência, ele conseguirá situar-se crítica e maduramente a respeito dos modelos até então atraentes. Adquire o realismo de perceber em todos eles os limites da fragilidade humana. Os ídolos caem do pedestal.²²

Essa procura incessante por modelos de ídolos são, na verdade, buscas de algo fora de si, não encarando e enfrentando as dificuldades interiores, fugindo de si mesmo. Os desejos externos são para encontrar algo que, sobretudo, seja instantâneo, mágico, milagroso. A fuga mais perigosa para os adolescentes e/ou jovens consiste nas drogas, sejam quais forem, desde o álcool até as mais pesadas. E como já relatado anteriormente, quanto mais cedo uma pessoa começa com a consumir substâncias alucinógenas, mais difícil sair deste vício.

Pela *via cultural*, afirma-se que “a atenção volta-se para o impacto que os fatores culturais presentes produzem nos adolescentes e como eles reagem diante deles”²³. A juventude é um período em que o indivíduo constrói a si mesmo, assumindo compreensões diferentes de si e da sociedade de acordo com os momentos históricos e as situações sociais.

²¹ Ibid., p. 23.

²² Ibid., p. 28-29.

²³ Ibid., p. 16.

A juventude é uma construção social. Uma minoria absorve o poder, a riqueza. A maioria encontra-se numa situação de marginalização e subordinação, tanto por causa da idade quanto de sua classe popular, sexo e de outras limitações. A sociedade marca, portanto, os jovens com suas características econômicas, políticas e sobretudo culturais. E o jovem assimila esses elementos numa relação interativa.²⁴

1.2 Juventude

A partir do ponto de vista de uma construção social, a juventude é aquela fase em que o jovem²⁵, por questões psicossociais, busca sua identidade, tem tendência a participar de grupos que se identifica, tende a mudar sua participação em determinados convívios passando de convivências familiares para grupos de ideologias semelhantes. Em certo ponto, a juventude se identifica com a adolescência, sobretudo no que se refere à oscilação de pensamentos e atitudes. A juventude é tida, ao mesmo tempo, com diversas expectativas contraditórias como sendo perigosa, como lugar de esperança, como paradigma do desejável.²⁶

A juventude refere-se ao período intermediário compreendido entre a infância e a vida adulta. Porém seus contornos são incertos, sendo difícil determinar exatamente seu início e, principalmente, seu término.

Na concepção das sociedades greco-romanas, a juventude se referia a uma idade entre os vinte e dois e quarenta anos. *Juvenis* vem de *aeoum*, cujo significado etimológico é ‘aquele que está em plena força da idade’. Naquela cultura, a deusa grega *Juventa* era evocada justamente nas cerimônias do dia em que os mancebos (adolescentes) trocavam a roupa simples pela toga, tornando-se cidadãos de pleno direito²⁷.

O termo jovem está relacionado ao adjetivo *aiutans* do verbo *aiutare*, ajudar. Jovem é aquele que atingiu a idade de poder ajudar. Os jovens são os que estão aptos a ajudar na manutenção e sobrevivência da família, sobretudo aquelas numerosas em quantidade de pessoas e desfavorecidas economicamente.

Na Roma antiga, até antes do século II a.C., não existia esta fase a qual hoje se chama juventude. O rito de passagem para a fase adulta se realizava com os primeiros sinais da puberdade, *pubes* (pelo). A palavra puberdade, em sua etimologia, está muito próxima da

²⁴ Ibid., p. 39.

²⁵ Aqui, e em todo o texto, diz-se de “o jovem” no masculino, entretanto, refere-se de forma generalizada, à jovem e ao jovem.

²⁶ Novaes e Vannuchi (Org.). *Juventude e sociedade*. São Paulo: Instituto Cidadania e Fundação Perseu Abramo, 2011, p. 10.

²⁷ Ibid., p. 10.

palavra república (*res*, coisa, + *publica*, pubes). Isto porque na cultura romana, o púbere entrava em um rito de iniciação à vida pública, tinha o direito ao voto. Ele era o encarregado de carregar armas. Se era apto ao serviço, era também apto ao debate e ao voto. Participava dos atos públicos, era submisso aos ritos e cultos religiosos. Ao revestir-se da toga, a veste de iniciação dos que eram introduzidos na sociedade, participava-se dos atos de cidadania públicos. O púbere era submetido ao rito de passagem que era o serviço militar. O jovem, acima de dezoito anos de idade, passava pelo período de dois anos de treinamento militar, moral religioso (público e não mais como culto doméstico), conhecia seus direitos e deveres de cidadão romano²⁸. Depois da infância, o indivíduo se tornava adulto e depois idoso.

A partir do século II a.C., em Roma, acrescentou-se esta fase da juventude à vida do cidadão romano. A lei romana proibia a participação dos jovens em negócios e cargos públicos. Os jovens eram marginalizados da vida adulta, não podiam mais exercer seus encargos que outrora exerciam. Na idade média e pré-industrial, quando ainda eram crianças já eram inseridas na vida econômica, exercendo pequenos trabalhos. Com a revolução industrial, diminui a quantidade de operários, cortando-se o trabalho de crianças e adolescentes nas fábricas.

Até o início do século XX, a juventude nem sequer era considerada categoria social, pois os indivíduos passavam diretamente da condição de criança para adulto. Na segunda metade do século passado, a juventude já era entendida como um período de transição bem definido por uma série de eventos que conduziam à vida adulta: finalização dos estudos, ingresso no mercado de trabalho, casamento e constituição de família em um domicílio independente. Esse era o modelo, embora não universal, predominante de transição, cumprido pela grande maioria dos jovens e com uma cronologia e ordem semelhantes, sugerindo uma padronização do curso de vida.

Cronologicamente, atualmente, a juventude é compreendida, de acordo com os organismos internacionais, como a faixa etária que vai de quinze a vinte e quatro anos de idade. Em sua dissertação, Cardozo estabelece como público pesquisado a faixa etária entre dezesseis e trinta e dois anos de idade²⁹.

O paradigma linear das faixas etárias no qual se inicia e termina a fase da juventude, torna-se incompleto para explicitar o mudança de juventude para adulto. Até pouco tempo atrás,

²⁸ Libanio, 2004, p. 18.

²⁹ Cardozo. *Novos modos de crer [e] ser*. Seropédica: UFRRJ, 2014, p. 14.

algumas atitudes caracterizavam a passagem para a vida adulta como, por exemplo, a conclusão de estudos, ingresso no mercado de trabalho, saída de casa, o casamento. Atualmente há muitos casos em que os jovens terminam os estudos, ingressam no mercado de trabalho, mas continuam na casa dos pais até dependendo ainda de seus genitores.

Outra questão atrelada a essa é o fato de que adultos, que “alcançaram” sua independência, não a conseguiram de forma definitiva. Os objetivos e ideais atingidos não são permanentes. Na discussão sobre onde se inicia e termina a juventude, pode-se dizer que “o critério etário nem sempre é o mais adequado, pois a idade é uma produção social que evolui no curso da história e que varia em função das situações sociais”³⁰.

Mais do que a questão etária então, deve-se se considerar, primeiramente não a juventude, mas “as juventudes”, como bem afirma Libanio. Não se pode ponderar uma única conceituação ou rotulação de juventude. É de extrema importância analisar a multiplicidade e pluralidade de juventudes na sociedade – bem como na Igreja – considerando os grupos de socialização que estas juventudes buscam. A partir desta intuição, leva-se em conta que a pertença a determinados grupos sociais pode variar de acordo com a etnia, religião, gênero, região, orientação sexual, mundo urbano, rural ou virtual. Considera-se que os jovens vivem – e sobrevivem – não somente ligados a um determinado grupo de pertença. Na realidade do Brasil, sobretudo com o uso constante das redes sociais, jovens participam de diversos grupos como escola e outros que se ligam por questões ideológicas, ligações religiosas, etc.

A compreensão de juventude, neste tempo de pós-modernidade³¹, muda de acordo com o contexto histórico. Isto porque a formação da juventude se delineia a partir da condição social em que essa está inserida. O contexto histórico da sociedade é fator decisivo no processo de formação e definição do caráter da juventude e qual será sua conduta diante da sociedade³². Segundo Sofiati, “sociologicamente, o jovem é um ser marginal, uma categoria marginalizada. O jovem está naturalmente à margem da sociedade em conjunto com as classes oprimidas, os intelectuais independentes, os poetas, os artistas, etc.”³³ Apesar da sociedade compreender o período da juventude como uma fase importante na formação da personalidade do ser humano, ela o vê ainda subordinado e marginalizado diante das âmbitos do mercado de trabalho, da política, da vida pública. As leis trabalhistas são obscuras e confusas para o jovem quando tenta

³⁰ Cardozo, 2014, p. 13.

³¹ Termo utilizado por Libanio em sua obra: *Juventude em tempo de pós-modernidade*, 2004.

³² Cf. Sofiati, 2012, p. 27-36.

³³ Sofiati. *Juventude católica*. São Carlos: Edufscar, 2012, p. 30.

abaixar a faixa etária para se adentrar ao mercado de trabalho ou quando impõe condições de acordo com a faixa etária e condições de trabalho para aqueles que passam pelo período de experiência de trabalho. Isso traz, para a juventude, a angústia de estar apta ou não para o mercado de trabalho e, conseqüentemente, para a atividade da vida social.

Os grupos de jovens, em geral, continuam sendo excelente espaço de socialização para bem e para mal. Há grupos que se inserem no mundo positivo de valores, outros os introduzem na marginalidade.

Eles Contribuem para a necessária emancipação do jovem em relação à família. Começam a preferir ficar com os amigos a com os de casa. As qualidades de sociabilidade exercem-se na amizade. Palavra que soa quase mágica. E quando não consegue, fazer amigos, angustiam-se. Alguns desejam viver em república, for de casa.³⁴

1.3 As faces da juventude na pós-modernidade

Nos últimos anos, a sociedade contemporânea passou por grandes avanços tecnológicos, sobretudo no que se refere aos meios de comunicação. Em todas as classes sociais, essa evolução está impregnado na cultura. Diante desse progresso, a juventude passa por grandes incertezas, desnorteada, sem rumo. O que buscar? O que atingir? Com as dúvidas ocorre uma procura frenética por estar atualizado com os meios de comunicação. A facilidade que hoje tem para acessar todas as informações que a tecnologia oferece e, em consequência disto, como está a juventude? Libanio, em seu livro *Jovens em tempo de pós-modernidade*, apresenta aspectos da situação da juventude contemporânea, diante desta sociedade atual: jovem tradicional religioso; jovem popular em tensão com a modernidade; jovem popular incluído na modernidade; jovem popular excluído da modernidade; jovem de cultura moderna burguesa.

Jovem tradicional religioso

Os que seguem os costumes religiosos que aprenderam no seio de sua família. Estes jovens acolheram a fé de seus pais e a cultivaram através da catequese e vivência religiosa. Não têm grandes conflitos existenciais e sua fé perdura mesmo ultrapassando a fase da adolescência. As turbulências da adolescência não afetam diretamente as relações religiosas.

Jovem popular em tensão com a modernidade

³⁴ Libanio, 2004, p. 31.

Enquadram-se neste grupo os jovens sobretudo de zonas rurais, não atingidos pelo avanço tecnológico. Estes jovens passam por um conflito no que se refere à modernidade. Entretanto, a tendência é de que este grupo desapareça com a modernização da zona rural. Não é incomum encontrar em fazendas, chácaras, sítios pelo interior uma torre que capta sinal de telefonia, internet, TV a cabo. Além disso, cada vez mais, essa juventude rural está abandonando os trabalhos no campo e buscando empregos nas cidades. Os jovens deste grupo, em sua religiosidade, assemelham-se aos jovens do grupo tradicionalmente religioso pois, geralmente, receberam de seus pais a educação religiosa.

Jovem popular incluído na modernidade

Ao adentrar ao mercado de trabalho e procurar o conhecimento que vem através dos estudos, os jovens, sobretudo de classes econômicas mais baixas, vão adentrando na modernidade. Geralmente estes jovens dividem seu tempo entre trabalho e estudo. O que lhes atrai para entrar nesta situação é o desejo de uma ascensão social. Almejam melhor emprego e, conseqüentemente, renda. Entretanto, emanam de situações sociais em que tiveram menos cultura letrada que os de classes mais elevadas. Conseqüentemente, têm maior empenho e dedicação para alcançar seus objetivos almejados.

Jovem popular excluído da modernidade

As diferenças sociais causadas pelo capitalismo desenfreado deixa, cada vez mais, jovens fora do sistema, marginalizados da sociedade moderna. Estes jovens “passam com facilidade da marginalização para a marginalidade criminosa. São as presas fáceis do crime, da droga”.³⁵ Com facilidade eles entram para o mundo dos vícios de álcool, drogas de todos os tipos, para o mundo da violência e do crime. Neste meio é forte o sentimento de rejeição por parte da sociedade. Por não possuírem uma formação cultural e educacional mais elevada, não têm grandes perspectivas de melhora de seu quadro social, com sentimento de frustração, não-realização e sentimentos de autodestruição.

Jovem de cultura moderna burguesa

Os jovens que vêm de classes sociais mais elevadas são, por excelência, modernos. Têm melhor formação educacional e cultural. Mais ligados ao mundo acadêmico e, conseqüentemente, mais aptos ao mercado trabalho. Seus maiores medos são os de perderem a condição social e econômica. Tendem a ser mais individualistas.

³⁵ Ibid., p. 50.

1.4. Juventudes e relações modernas

Ressaltam-se algumas relações que as juventudes estabelecem com o cenário da modernidade. Libanio vem nos trazer determinadas questões relacionais importantes das juventudes como rebeldia, violência, religiosidade, secularismo, drogas.

Juventude e rebeldia

Com as duas grandes guerras mundiais, sobretudo a segunda, surgem movimentos de resistências – movimentos mais no campo simbólico – aos horrores e ações de violência da humanidade, pedindo paz aos povos. As gerações jovens, a partir da década de 1950, começam ações nos âmbitos da música, artes cênicas, com caráter revolucionário, em oposição ao que era tradicional, sobretudo no que tangia à sexualidade. As contrariedades ao regime militar, no Brasil, elucidam bem o caráter de antagonismo ao regime dominante na sociedade. Em oposição ao regime militar, alguns jovens entram na luta armada no intuito de alcançar a liberdade. Nas décadas seguintes ao término do regime militar, prossegue a onda de violência no meio da juventude. Essa violência é-lhe causada pelo vazio existencial que assaltava a sociedade. Ela reflete a desvalorização que a humanidade está tendo pelo seu semelhante.

Há na sociedade brasileira atual uma dualidade entre o real e o virtual. O Brasil real é formado por incongruências, contrastes entre riqueza de poucos e miséria de muitos. O Brasil virtual, imaginário é bonito “feito de viagens aos Estados Unidos ou à Europa, de navegações pela internet, de conhecimento de línguas estrangeiras, de grifes, de privilégios, de impunidade. Os pobres, os mendigos, os meninos de rua não pertencem a esse mundo”³⁶.

Os que pertencem à realidade do Brasil virtual e se sentem acima das leis e da ética, não se importam com os marginalizados sociais a ponto de considerá-los “objetos de uma inocente brincadeira, isto é, ser queimados”³⁷. Libanio lembra o caso de jovens de classe média alta em Brasília que atearam fogo em um indígena em Brasília.

Esta desconsideração pelo marginalizado é ainda maior “nessa geração que se considera nascida em berço de ouro, que não conheceu limites na infância, que se sabe protegida por dinheiro e *status* social”³⁸

³⁶ Ibid., p. 61.

³⁷ Ibid., p.61.

³⁸ Ibid., p. 62.

Juventude e violência

No século passado, a humanidade passou por duas grandes guerras mundiais. Momentos que não deveriam fazer parte da história da humanidade. Nos poucos anos do século atual, a humanidade assistiu à guerra contra o Iraque, vê constantes conflitos na Palestina, ataques terroristas em diversas cidades espalhadas pelo mundo. Entretanto, a guerra que tem matado mais do que qualquer uma destas mencionadas, a originada pelas drogas. “Há gangues que semeiam pavor pelas metrópoles e atingem as calmas cidades menores do interior. Está em andamento verdadeira cultura da violência... Predominam os assaltos a mão armada, vinculados grandemente com o tráfico de drogas”³⁹. A violência é que comanda o ritmo da vida das pessoas na cidade. Na maioria das vezes quem a pratica são menores ou adultos ainda jovens.

A violência povoa os noticiários, os programas de rádio e TV, os vídeos de passatempo até os desenhos animados para criança. As emissões de cenas e reportagens de crimes atingem números preocupantes e tons alarmantes. Nesse ponto, os jovens são antes passivos que ativos. A imagem das armas antecede a leitura dos livros na infância.⁴⁰

Há ainda a violência da discriminação aos incapazes, negros, prostitutas, homossexuais, crianças, idosos, homens e mulheres em situação de rua, seres humanos que passam fome. “O mapeamento da violência revela já de si muitas de suas causas, que residem na estrutura econômica, política, cultural, religiosa e social do atual sistema capitalista neoliberal.”⁴¹

Juventude e religiosidade

A juventude, na sociedade pós-moderna, posiciona-se de diversas formas perante o religioso: fundamentalista, praticante da religiosidade e em crise religiosa.

Surgem na vida da Igreja novos movimentos jovens que trazem em si um fundamentalismo religioso, oferecem a seus membros a segurança que a juventude anseia. Entretanto, associado a esses movimentos fundamentalistas, está o fanatismo religioso. Na realidade do Oriente Médio, vê-se os extremos desse fundamentalismo religioso como os homens-bombas que “oferecem” sua vida em holocausto. No Brasil, “o fundamentalismo não chega ao caso de violências físicas. Permanece, antes, no nível verbal de ataque e defesa de verdades, doutrinas, posições religiosas com exclusão e condenação dos que dissentem”⁴².

³⁹ Ibid., p. 78.

⁴⁰ Ibid., p.79.

⁴¹ Ibid., p. 80.

⁴² Ibid., p. 90.

Esses grupos têm tendências de puritanismo, fazem grande apologia contra a sexualidade, reforçam o clericalismo e trazem uma figura exacerbada de Maria, colocando-a quase que como uma quarta pessoa da Santíssima Trindade.

Libanio alerta sobre a necessidade pedagógica e lúcida da pastoral juvenil diante de tais grupos na “preparação dos jovens para enfrentarem os desafios da modernidade e pós-modernidade”⁴³

O religioso praticante “não é conservador, nem fundamentalista, mas permanece religioso e pratica sua fé no coração da modernidade e da pós-modernidade”⁴⁴. Pratica sua vivência religiosa com uma espiritualidade mais centrada, sem os exageros conservadores nem fundamentalistas. Participam ativamente da vida da comunidade eclesial seja nas pastorais ou movimentos, com lucidez.

Diante das leituras e estudos, confrontados com críticas de professores ou literaturas filosóficas e históricas, muitos jovens entram em uma situação de crise religiosa. Isto acontece com frequência no mundo universitário. Dois pontos fundamentais geram a crise: a não atualização do ensinamento tradicional da Bíblia sem realizar nenhuma hermenêutica das Escrituras; e “a defasagem dos ensinamentos morais e religiosos com respeito às novas situações afetivas e sexuais que muitos jovens enfrentam no mundo universitário”⁴⁵

Como orientação, Libanio diz que

Cabe perceber se a origem da crise é de natureza predominantemente intelectual ou afetiva. Conforme o caso, a terapia é diferente. Para questões intelectuais, nada melhor do que uma serena discussão dos assuntos debatendo razões e não apelando imediatamente para a obrigação de crer. E sobretudo quando se esconde o pressuposto da contradição da razão e da fé. *Credo quia absurdum est*: Creio porque é absurdo. O irracionalismo, o fideísmo, o tradicionalismo são fatais para a pastoral⁴⁶.

Juventude e secularismo

Pedagogos e psicólogos, em uma pesquisa para a revista *IstoÉ*, realizada em São Paulo com 500 jovens entre 11 e 19 anos de idade, mostram que a geração de 1990 não quer mudar o mundo. Antes, teu intuito é viver bem, com a satisfação que o capitalismo pode lhes proporcionar, respeitando a família e a propriedade⁴⁷.

⁴³ Ibid., p. 91.

⁴⁴ Ibid., p. 93.

⁴⁵ Ibid., p. 98.

⁴⁶ Ibid., p. 100.

⁴⁷ Cf. Ibid., p. 103-104.

Os referenciais atuais dos jovens são pessoas famosas, ricas, bem-sucedidas. Não são mais aqueles que lutam pelo bem comum. O referencial para os jovens hoje são personalidade como Neymar para os garotos e Angelina Jolie para as garotas. Ambos são famosos, ricos, arrojados... Esta geração tem a preocupação de ganhar dinheiro, ser bem-sucedido profissionalmente, ter sucesso e fama. Busca o prazer imediato, a curto prazo. A cultura deixou de ser intelectual, dos livros, para o cultivo do próprio corpo, malhando por horas em academias e submetendo a dietas “mágicas” que prometem emagrecer instantaneamente. O prazer e o gozo são as realidades mais desejadas e buscadas pela juventude.

Por outro lado, esta procura incessante do prazer imediato, não leva o indivíduo à auto realização. O gozo instantâneo não traz si a realização de um sentido de vida. Isto leva os jovens a provar “um sentimento de impotência, de incapacidade de prover, de valorizar, de projetar o futuro, de modificar o ambiente e o mundo social pelo empenho”⁴⁸. Pelo fato de viver o momento, o futuro lhe é incerto.

Entretanto, a vida de prazer sem assumir quase nenhuma responsabilidade, ainda que pareça, num primeiro momento, a realização de um sonho juvenil,

Por trás há uma degradação existencial que lhes reduz a capacidade de maravilhar-se, de entusiasmar-se, de distinguir o importante do que não é, de gozar intensamente, de realizar experiências que revelam sentido novo. Sofrem da incapacidade de provar sentimentos fundamentais de autenticidade existencial. Banalizam a vida⁴⁹.

Outra face do jovem pós-moderno é a virtual. “Cresce o número de jovens quem diminuem suas relações reais em prol das virtuais”⁵⁰. Perfis em redes sociais, sites de relacionamentos, seguir e ser seguido por inúmeras pessoas que, provavelmente, não conhece no mundo real mas, no mundo virtual são grandes amigos. As relações interpessoais são substituídas por relações virtuais. O que é muito conveniente para o tímido pois, ele se relaciona através de um computador ou um smartphone com uma pessoa que ele talvez nem conheça. Seu “perfil” virtual pode ser um *fake*, uma pessoa virtual que pode não ser real.

⁴⁸ Ibid., p. 111.

⁴⁹ Ibid., p. 111.

⁵⁰ Ibid., p. 125.

Libanio alerta à PJ a “não satanização da tecnologia, da informática e da telemática”⁵¹. Pois é impensável a sociedade atual sem os avanços tecnológicos⁵².

Juventude e drogas

“A adolescência é a fase propícia para a iniciação na droga”⁵³. No processo de formação dos jovens, eles passam pela fase exploratória, da curiosidade em conhecer as coisas. Neste período eles são tentados a passar por experiências novas em suas vidas. Uma destas experiências que lhes são propostas é a de usar drogas. E nesta fase, piora para o adolescente a demonização da droga, bem como a propaganda dela. Pois estes dois aspectos farão aumentar ainda mais a curiosidade em descobrir como é usar drogas e quais seus efeitos.

“A porta de entrada da droga é o prazer. O prazer corresponde ao desejo de felicidade”⁵⁴. Quando se experimenta pela primeira vez e satisfaz a curiosidade ou não gosta da experiência e quando indivíduo conhecendo, ou pelo menos sabendo dos efeitos que a droga pode lhe trazer, esta experiência pode ser a única e ele não faça mais uso da droga. Entretanto, quando se repete a dose e continua, provavelmente chegará ao vício da droga. O que inicialmente era uma experiência de gozo, perderá esse gozo e passará à tragédia e perda de controle de si, passando a ser controlado pela droga. “Na droga, ele busca um prazer imediato, sem a mediação das palavras ou de qualquer relacionamento com o outro”⁵⁵.

A Igreja do Brasil debruçou-se sobre esse problema, promovendo a Campanha da Fraternidade de 2001: Vida sim, drogas não. Par orientações pastorais, o Manual oferece gama enorme de sugestões de políticas, de ações preventivas, de intervenções de ajuda, de tratamento e reinserção do dependente de drogas⁵⁶.

A primeira experiência pode ser proporcionada por amigos de grupos de convívio ou por algum colega já viciado que oferece. Muito comum é o traficante ficar na porta das escolas oferecendo gratuitamente drogas para adolescentes e jovens ainda não iniciados ao uso de drogas. Esses traficantes ofertam a droga por algumas vezes aos novos usuários que começaram por curiosidade. Mas o que era curiosidade se torna dependência. Ao se tornar

⁵¹ Ibid., p. 126.

⁵² Aqui cabe lembrar quando, neste ano de 2016, um juiz no Brasil determinou a suspensão do aplicativo Whatsapp. Em uma reportagem pela TV Globo, algumas pessoas entrevistadas diziam que não tinham mais como viver sem o aplicativo.

⁵³ Ibid., p. 159.

⁵⁴ Ibid., p. 161.

⁵⁵ Ibid., p. 162.

⁵⁶ Ibid., p. 163.

dependência, o traficante não mais dá gratuitamente a droga, ele passa a cobrar. O jovem não tendo como manter seu vício, tem duas opções: trabalhar para este traficante, arrumando novos usuários ou entrar para o mundo do crime, cometendo roubos, assaltos, caindo na delinquência.

Lugares da educação dos jovens

A família

“A família exerce influência benéfica e maléfica”⁵⁷. O que diferencia se a influência familiar é benéfica ou não, é sua estrutura. É na família que o indivíduo aprende as primeiras lições de respeito pelo próximo, de dar e receber carinho, atenção, amor, expressão espiritual, etc. No seio familiar que se aprende os limites e o lugar de cada um. “Os pais são pais e não colegas, nem amigos de grupo dos filhos”⁵⁸. São responsáveis pela educação, formação e correção quando necessária, são referenciais para o jovem. Têm a missão de levar os filhos a crescer.

No processo de educação dos filhos, a melhor força para os pais é a persuasão. “Ela passa pela convicção de que está em jogo única e realmente o bom do jovem”⁵⁹. Mostrar que querem o melhor para os filhos. Os filhos precisam ouvir o que os pais lhes falam. No processo de formação e educação, o objetivo a ser alcançado é a autonomia, autocontrole e discernimento dos filhos.

Autonomia não é anomia, desrespeito a toda regra, a toda autoridade, a toda realidade objetiva, exterior à própria subjetividade (...) Mas tomar as decisões pessoalmente, levando em consideração a objetividade dos fatos e dos fatores importantes. Mede as consequências sociais de seus atos⁶⁰.

A criança é educada para criar lentamente sua autonomia. Duas formas contrapostas são catastróficas para a formação da autonomia dos filhos: “a ausência e abandono dos pais em relação aos filhos” e a superproteção⁶¹.

Quando a família é desestruturada e, isso tem acontecido por diversos motivos como pais que são separados ou que passam por problemas conjugais, as sequelas são desastrosas para os filhos.

⁵⁷ Ibid., p. 167.

⁵⁸ Ibid., p. 169.

⁵⁹ Ibid., p. 171.

⁶⁰ Ibid., p. 172.

⁶¹ Ibid., p. 174.

Escola

A educação escolar exerce força coercitiva sobre o indivíduo. A escola controla a frequência e o aproveitamento do estudante com notas, condicionando o indivíduo a frequência e notas mínimas para que ele seja aprovado ou não para avançar ao próximo nível. Enquanto os pobres estudam em escolas públicas com deficiências, a elite frequenta escolas particulares com alta qualidade de educação. No ensino superior a relação é inversa:

As universidades do Estado, gratuitas, em muitos aspectos superiores à maioria da imensa rede de universidades e faculdades particulares, bem caras, são proporcionalmente mais frequentadas por quem pode pagar, enquanto os mais pobres vão para os estabelecimentos pagos⁶².

Um fato que tem ocorrido na educação é que crianças entram mais cedo para escolas. Por um lado é bom porque as crianças começam a socializar com outras crianças. De negativo, diminui o tempo que os filhos passam com os pais. Essa precocidade educacional se dá pelo fato de que pai e mãe trabalham fora. Eles “terceirizam” a educação de seus filhos em escolas que vão desde o berçário até o ensino médio.

Libanio afirma que o processo educacional deveria passar por três instâncias de conhecimento: o tradicional, das grandes correntes de pensamento, altamente enriquecedor; o conhecimento atualizado: dá a sensação do que está acontecendo e das inovações; a dimensão criativa: “encontrar novas possibilidades até então não pensadas, a provocar a capacidade de construir conhecimento de modo crítico e criativo, a enfrentar o desafio da inovação permanente”⁶³. Este processo favorece o estudo da filosofia.

A formação intelectual articula-se, também, na luta social. A educação não só permite melhorar a situação econômica da família com tudo o que isso significa, mas também modificar a cabeça. A pobreza nunca é só física, material. Ela impõe limites à vida social e intelectual dos pobres.⁶⁴

Pastoral da Juventude, grupo de jovens e Igreja

A pastoral da juventude forma, nas comunidades eclesiais, grupos de jovens a partir da experiência de turmas de catequese cristã. Esses grupos são caracterizados pelo anseio de

⁶² Ibid., p. 181.

⁶³ Ibid., p. 184.

⁶⁴ Ibid., p. 190.

conhecimentos doutrinários, crescimento na fé, sem muitos compromissos sociais. “Buscam um agrupamento ‘sem vícios’, ‘correto moralmente’, evitando os perigos sociais”⁶⁵.

Outros grupos são formados por movimentos. Esses são mais estáveis pelo fato de possuírem um fio condutor mais claro. “A espiritualidade, o carisma do fundador, a organização oferecem estrutura estável na qual os grupos se apoiam”⁶⁶. Nos movimentos católicos, observa-se o envolvimento de milhões de pessoas espalhadas pelo mundo que têm o senso de pertença ao movimento em que é membro com vinculação séria e duradoura.

1.5 Conclusão do capítulo: acima de tudo, o amor

Amar. A maior de todas as virtudes. O maior de todos os gestos. Amor é sinônimo de vida.

O amor constrói-se, não como uma casa. Não se edifica com pedras que existem fora de nós e que amontoamos segundo plano arquitetônico. Não nasce de um projeto recebido no interior e que executamos fora. É bem mais complexo. É sempre trabalhado por duas mãos. Ama-se, sendo amado; é-se amado, ao amar.⁶⁷

Desde a concepção, a criança, ainda no ventre de sua mãe, começa a apreender os sentimentos externos de si. Quando chega no mundo, as relações familiares de afetividade serão fundamentais para a capacidade de amar ou temer o amor. “Quanto mais o amor materno, a harmonia conjugal, o ambiente de carinho a cercam, mas estará aberta, serena, tranquila, segura diante do desafio de amar o outro, o diferente. Enfim, de amar”⁶⁸. Do contrário, o ambiente hostil, os desentendimentos conjugais, violência e agressividade no ambiente familiar só levam o indivíduo a vivenciar o desamor.

Na Escritura, lê-se que “Pois Deus amou tanto o mundo, que entregou seu Filho único, para que todo o que nele crê não pereça, mas tenha vida eterna” (Jo 3,16). O mal, aquele original, que todos já nascem com ele, pela ação salvífica de Cristo, no batismo é dada a todos os batizados a graça santificante da filiação que acontece pela força sacramental. E, no batismo, recebe-se as virtudes teológicas da Fé, Esperança e Caridade. A Caridade é o amor colocado em prática. Em seu hino à caridade, São Paulo diz que poderia ter todos os dons mas, que se não tivesse a caridade, de nada valeriam os outros dons. (Cf. 1Cor 13). O amor implica cuidado

⁶⁵ Ibid., p. 196.

⁶⁶ Ibid., p. 198.

⁶⁷ Ibid., p. 223.

⁶⁸ Ibid., p. 223.

como bem expressa A. Saint-Exupery em *O pequeno príncipe*: “tu te tornas eternamente responsável por aquilo que cativas”. Encerrando, este pequeno parágrafo de Libanio, que poderia ser declamado como um poema:

O amor necessita de tempo e de criatividade. O gozo, a paixão são instantâneos. O amor dilata. Ele se inscreve na duração, na continuidade dos atos. Mas para não se cair na rotina, que o esteriliza, precisamos reinventá-lo no cotidiano sempre com novos gestos, palavras diferentes para exprimi-lo. O amor, que não sabe criar transforma-se em língua morta. Só serve para as antologias. Amar é sempre querer amar mais num processo dinâmico que suporta a decepção sem quebrar. Ele não se prende à imagem da pessoa, mas a ela. Por isso consegue ir para além de toda desilusão.⁶⁹

⁶⁹ Ibid., p. 228.

Capítulo II: As juventudes na visão da Igreja

2.1. A opção preferencial pelos jovens no documento de Puebla

O Documento de Puebla, conclusão da III Conferência Geral do Episcopado Latino-Americano, em Puebla de los Angeles - México em 1979, foi um grandioso acontecimento na vida eclesial, representando um passo à frente para a Igreja peregrina na América Latina.

O Papa João Paulo II manifestou assim, no dia 23 de março de 1979, sua satisfação pelos resultados alcançados pelo *Documento de Puebla*:

Este Documento, fruto de uma oração assídua, de uma profunda reflexão e de cuidados apostólicos intensos, oferece - assim propusestes - uma vasta gama de orientações pastorais e doutrinárias, acerca de questões da máxima importância. Com os seus critérios válidos, ele deve servir de luz e de estímulo permanente para a evangelização no presente e no futuro da América Latina (...) A Igreja que está na América Latina foi reforçada na sua unidade vigorosa, na sua identidade singular, na vontade de corresponder às necessidades e aos desafios atentamente considerados durante a vossa Assembleia.⁷⁰

O fio condutor de Puebla, segundo o Papa, foi a Exortação Apostólica de Paulo VI *Evangelii nuntiandi* que João Paulo II define como um "testamento espiritual" de Paulo VI⁷¹. A Assembleia de Puebla foi convocada pelo Papa Paulo VI, mas este veio a falecer faltando dois meses para o início da Assembleia. Depois de Paulo VI, o Papa João Paulo I convocou novamente a Conferência de Puebla e começou a preparar o seu discurso inaugural, mas o faleceu antes da Conferência. Coube então a João Paulo II a missão de dar abertura à Assembleia de Puebla.

Recomenda o Papa a renovada confiança no ensinamento social da Igreja. E a Conferência de Puebla representou um renascimento de esperança da Doutrina Social da Igreja. Disse o João Paulo II:

Confiar responsabilmente nesta Doutrina Social, ainda que haja alguns que procuram semear dúvidas e desconfiança sobre ela, estudá-la com seriedade, tentar pô-la em prática, ensiná-la e ser-lhe fiel é, num filho da Igreja, garantia da autenticidade do seu empenho nas delicadas e exigentes tarefas sociais e dos seus esforços em favor da libertação ou da promoção dos irmãos.⁷²

⁷⁰ Puebla, I, 1.

⁷¹ Cf. Puebla, I, 1.

⁷² Puebla, III, 7.

Concluindo seu discurso, o Papa menciona algumas tarefas prioritárias: a família e a juventude, assim como as vocações sacerdotais. Sobre o segundo tema, a juventude, o documento final de Puebla dedicou os números 1166 a 1205.

Apresentar aos jovens o Cristo vivo, como único Salvador, para que, evangelizados, evangelizem e contribuam, como em resposta de amor a Cristo, para a libertação integral do homem e da sociedade, levando uma vida de comunhão e participação (DP 1166).

A juventude não é só um grupo definido de pessoas a partir da idade cronológica, mas também uma atitude frente à vida; uma etapa não definitiva, mas transitória. Possui traços característicos:

Um inconformismo que a tudo questiona; um espírito de aventura que a leva a compromissos e situações radicais; uma capacidade criadora com respostas novas para o mundo em transformação, que aspira a sempre melhorar em sinal de esperança. Sua aspiração pessoal mais espontânea e forte é a liberdade, emancipada de qualquer tutela exterior. É sinal de alegria e felicidade. Muito sensível aos problemas sociais. Exige autenticidade e simplicidade, rejeitando com rebeldia uma sociedade invadida por hipocrisias e contravalores. (DP1168).

A juventude no corpo social

Por ser sensível aos problemas sociais, é normal que o papel desempenhado pela juventude na sociedade, seja de dinamizar o corpo social. Esperam ser tomados a sério pelos adultos. Caso isso não aconteça, ou são perseguidos por diversas ideologias, especialmente pelas já radicadas, ou mostram-se indiferentes para com o sistema predominante vigente, ou se acomodam com o sistema e perdem a capacidade dinamizadora.

A juventude da América Latina

Ao se falar em juventude da América Latina, não pode caracterizá-la de forma abstrata sem considerar as características de sua situação social e as experiências sócio-políticas em que vivem em seus respectivos países (DP 1175). Por um lado há jovens indígenas, camponeses, mineiros, pescadores e operários que, por sua pobreza, se vêem obrigados a trabalhar como adultos. Enquanto por outro lado, há aqueles que vivem folgadoamente, estudantes, sobretudo de subúrbios, que já vivem na insegurança dum futuro emprego ou não encontram seu caminho por falta de orientação vocacional (DP 1176).

Diante das diversas realidades de desigualdades sociais nos países da América Latina, inúmeros jovens sentem-se frustrados pela falta de autenticidade e comprometimento

de seus líderes. Outros desejam construir um mundo de paz, justiça e amor. Há ainda os não poucos que descobriram a alegria da entrega a Cristo, não obstante as variadas e rudes exigências de sua cruz (Cf. DP 1177).

Os jovens e a Igreja

A juventude possui enorme força e aptidão à renovação, assim como a própria Igreja.

E a Igreja faz isto não por tática mas por vocação, já que é “chamada à constante renovação de si mesma, isto é, a um incessante rejuvenescimento”. O serviço prestado com humildade à juventude deve fazer com que mude na Igreja qualquer atitude de desconfiança ou incoerência para com os jovens (DP 1178).

Entretanto, os jovens consideram a Igreja de diversas maneiras: uns a amam espontaneamente como ela é, sacramento de Cristo; outros a questionam para que seja autêntica; há também os que procuram Cristo vivo separado do seu corpo que é a Igreja. Há a massa indiferente, passivamente acomodada à civilização de consumo ou outros sucedâneos, desinteressada da exigência evangélica. Há os jovens socialmente inquietos que buscam a Igreja como espaço de liberdade para poderem expressar-se sem manipulações e protestar social e politicamente. Alguns pretendem utilizá-la como instrumento de contestação. Finalmente, minoria muito ativa, influenciada por seu ambiente ou por ideologias materialistas, nega e combate o Evangelho.

Crítérios pastorais

São propostos três critérios de verdade para a evangelização: verdade sobre Jesus Cristo, sobre a missão da Igreja e sobre o homem. A juventude tende a ir ao encontro do Messias, o qual caminha em direção dos jovens. Somente o Cristo torna o jovem verdadeiramente livre. É o Cristo que deve ser apresentado pela Igreja aos jovens como libertador integral que, pelo espírito das bem-aventuranças, oferece a todo jovem a inserção num processo de constante conversão; compreende suas fraquezas e oferece-lhe um encontro pessoal com Ele e com a comunidade, nos sacramentos da reconciliação e da Eucaristia. "O jovem deve experimentar Cristo como amigo pessoal que nunca falha, caminho de total realização. Com ele e pela lei do amor, o jovem caminha em direção do Pai comum e dos irmãos. Com isto, sente-se verdadeiramente feliz" (DP 1183).

O jovem na Igreja

A juventude deve ser levada a sentir o senso de pertença à Igreja. Experimentam a Igreja como lugar de comunhão e participação. "Por isso, a Igreja aceita suas críticas, por reconhecer-se limitada em seus membros, e os quer gradualmente responsáveis na sua construção até que os envie como testemunhas e missionários, especialmente à grande massa juvenil" (DP 1184).

Ao assumir as atitudes de Cristo, o jovem promove e defende a dignidade da pessoa humana. Em virtude do batismo, é filho do único Pai, irmão de todos os homens e contribui para a edificação da Igreja (Cf. DP 1185).

A Igreja confia que jovens sejam sua esperança. Vê na juventude um verdadeiro potencial e o futuro de sua evangelização. Por isso, a Igreja deve considerar a realidade social dos jovens para desenvolver a pastoral da juventude. Leve ao aprofundamento e crescimento da fé, proporcionando a comunhão com Deus e com os homens. "Oriente a opção vocacional dos jovens; lhes ofereça elementos para se converterem em fatores de transformação para a participação ativa na Igreja e na transformação da sociedade" (DP 1187).

Aplicações concretas: Comunhão e compromisso

A Igreja apela que os jovens vejam e busquem nela um lugar de comunhão com Deus e com os homens a fim de construir a "civilização do amor" edificando a paz na justiça. Convida-os a que se comprometam eficazmente numa ação evangelizadora que não exclua ninguém, de acordo com a situação em que vivem, e tendo predileção pelos mais pobres. A integração dos jovens na Igreja se dá através de movimentos juvenis ou comunidades integradas na pastoral juvenil. A pastoral de movimentos e comunidades deve levar em conta os jovens numa inter-relação fecunda, já que os grupos devem ser fermento no conjunto e propiciar uma evangelização total (DP 1188).

Formação e participação

A inserção na Igreja e a tarefa de compromisso efetivo na edificação de nova civilização do amor e da paz é muito exigente e requer profunda formação e participação responsável. A pastoral juvenil deve ser um processo de educação na fé, que conduz à própria conversão e a um compromisso evangelizador. Leva a apresentação ao jovem do Cristo vivo, Deus e homem, único que salva, libertando todos do pecado e de suas consequências. O empenho da pastoral proporciona o crescimento espiritual do jovem de forma autêntica,

levando-o ao apostolado, em espírito de oração e conhecimento da Sagrada Escritura e ao amor à Maria Santíssima. O objetivo da pastoral da juventude deve ser o de ajudar “a formar os jovens de maneira gradual para a ação sócio-política e para as mudanças de estruturas, de menos humanas em mais humanas, segundo a Doutrina Social da Igreja” (DP 1196). Forma no jovem um sentido crítico junto aos “meios de comunicação social e aos contra-valores culturais que as diversas ideologias tentam transmitir-lhe, especialmente a liberal capitalista e a marxista, para que não seja por elas manipulado” (DP 1197). Usa de linguagem simples, estimulando a capacidade criadora dos jovens.

Que a pastoral da juventude procure dar aos jovens uma boa orientação espiritual a fim de que amadureçam sua opção vocacional, quer leiga, quer religiosa ou sacerdotal (Cf. DP 1200). Utilize de todos os meios possíveis que favoreçam à evangelização da juventude, como retiros, jornadas, encontros, convivências, etc. (Cf. DP 1201).

Dê-se a importância devida ao sacramento da Confirmação, como tempo forte para o amadurecimento na fé que leva a um compromisso apostólico. Que a confirmação seja precedida de uma catequese esmerada de acordo com as diretrizes da Santa Sé e das Conferências Episcopais (Cf. DP 1202). Que os animadores da juventude sejam formados com prioridade e sejam qualificados (sacerdotes, religiosos ou leigos). Estes devem ser guias e amigos da juventude, conservando sua própria identidade e prestando este serviço com maturidade humana e cristã (Cf. DP 1203).

A juventude não é um grupo isolado no corpo social e/ou eclesial, por isso deve não deve ser considerada como abstrato e sim real. Ela requer uma pastoral articulada que permita “comunicação efetiva entre os diversos períodos da juventude e uma continuidade de formação e compromisso depois, na idade adulta” (DP 1204). A pastoral deve ser como a própria juventude: cheia de alegria e esperança, que transmita a mensagem alegre da salvação a um mundo que muitas vezes se apresenta de forma triste, oprimido, sem esperança e que busca sua libertação e salvação. E esta libertação e salvação se dá pelo Verbo Encarnado, Jesus Cristo, o Messias.

2.2. Documento 85⁷³: “Evangelização da Juventude”

Este documento da CNBB foi fruto de dois anos de debates e reflexões de duas assembleias dos bispos brasileiros. Seu intuito é

oferecer luzes para o trabalho junto aos jovens, este documento é referência para todos que, na Igreja, têm se colocado na evangelização desta parcela tão importante da sociedade: pastorais da juventude, movimentos, congregações religiosas, novas comunidades, grupos juvenis e de crisma, Pastoral Vocacional, Pastoral da Educação e serviços diversos.⁷⁴

Conforme a assembleia, os pastores da Igreja têm muito interesse na evangelização da juventude do Brasil, levando a sério o compromisso de formação das novas gerações da Igreja. Estão cientes da necessidade que têm de opção pelos jovens, o futuro da Igreja depende desta opção efetiva e afetiva.

Jesus, ao assumir a condição humana, o faz com a missão de anunciar o Reino de Deus. Antes de voltar para o Pai, ele envia a Igreja, nas pessoas de seus discípulos, para dar continuidade à sua obra, para ser canal da graça de Deus à humanidade.

Junto aos jovens, ela [a Igreja] quer ser um meio através do qual eles se percebam como filhos amados de Deus e irmãos de todos, capazes de entender e acolher com alegria a Boa-Nova que transforma a partir de dentro de cada um e ao seu redor.⁷⁵

Como dinâmica, há que colaborar com todos os organismos – pastorais e movimentos – que lidam com a diversidade de jovens dentro e fora da Igreja, “visando ao bem da juventude, e para que os nossos jovens, reconhecidos como sujeitos e protagonistas, contribuam com a ação de toda a Igreja, especialmente na evangelização dos outros jovens”⁷⁶. A evangelização da juventude, inclui a dimensão de promoção dos jovens. Leva à ascensão da dignidade de toda a vida humana. Para evangelizar a juventude, requer-se, primeiramente dos membros da Igreja o exemplo de conduta dentro e fora da Igreja.

A evangelização exige testemunho de vida, anúncio de Jesus Cristo e adesão a ele, adesão à comunidade, participação na missão da Igreja e transformação da sociedade. Evangelizar implica, em primeiro lugar, proporcionar o anúncio querigmático da pessoa de Jesus Cristo. Em seguida, esta experiência deverá ser aprofundada em grupos de convivência que devem conduzir catequeticamente a uma maturidade na fé e prontidão para ser discípulo e

⁷³ CNBB. Evangelização da Juventude, 2007. Documento 85.

⁷⁴ CNBB. Doc. 85, 2007,

⁷⁵ Ibid., n. 2

⁷⁶ Ibid., n. 5

protagonista na construção do Reino de Deus por toda a vida, buscando a transformação da sociedade.⁷⁷

Conhecer os jovens é o ponto de partida para a evangelização deles. Há que considerar a variedade de comportamentos e situação da juventude, as vulnerabilidades e potencialidades dos jovens. Tudo isso, levando em consideração as mudanças culturais, históricas e sociais⁷⁸.

Com o movimento advindo da modernidade, a pessoa humana passou a acentuar sua própria existência em razão das máximas da Revolução Francesa: liberdade, igualdade e fraternidade. Com esta nova forma de encarar a vida, a juventude foi se afastando da Igreja, pelo fato dela não saber falar a linguagem da juventude e compreender suas novas expressões e mudanças. A resposta a essas questões vieram a partir do Concílio Vaticano II, ajustando a Igreja às novas necessidades dos tempos.

Com a pós-modernidade, surge novas mudanças na vida e cotidiano da sociedade,

grande velocidade e volume da informação, rapidez na mudança do cotidiano por parte da tecnologia, novos códigos e comportamentos. Devido à globalização e ao poder de comunicação dos meios eletrônicos, essas mudanças vêm penetrando fortemente no meio juvenil.⁷⁹

No entanto, os valores da modernidade não deixaram de existir, e continuam tendo grande importância para os jovens, “a democracia, o diálogo, a busca de felicidade humana, a transparência, os direitos individuais, a liberdade, a justiça, a sexualidade, a igualdade e o respeito à diversidade”⁸⁰. Alguns destes elementos desempenham grande influência sobre a mentalidade e vida dos jovens. Portanto, para haver eficácia na evangelização juvenil, a Igreja necessita acolher estes valores que os jovens trazem entranhados. É importante entrosar a linguagem da Igreja com a da cultura juvenil.

A pós-modernidade traz aos jovens alguns elementos, a saber: a subjetividade, as novas expressões de vivência do sagrado e a centralidade das emoções.

A subjetividade

A questão da subjetividade mostra a mudança de comportamento da juventude quando se compara os jovens que são posteriores à década de 1980. Os ideais coletivos de se construir um mundo melhor passam a ser ideais individuais. Prevalece a preocupação com as

⁷⁷ Ibid., n. 8.

⁷⁸ Ibid., n. 10.

⁷⁹ Ibid., n. 12.

⁸⁰ Ibid., n. 13.

necessidades pessoais. São propensos a viver somente o presente. Há que se encontrar o equilíbrio entre os ideais coletivos, da justiça social e da auto-realização. “O equilíbrio deve ser promovido com muita sensibilidade, pois a auto-realização pressupõe a relação com o outro, com a comunidade. Ao mesmo tempo, de maneira alguma a comunidade deve ser sinônima de uniformidade”.⁸¹

As novas expressões da vivência do sagrado

A subjetividade voltada a si mesmo, traz como implicação religiosa, a procura individual da espiritualidade e religiosidade. Essa busca conduz ao gosto pela vida. Trata-se de uma religiosidade individual.

Muitas pessoas voltam-se para vários tipos de manifestações religiosas e místicas (ocultismo, nova era, esoterismo, horóscopos, astrologia...). Outras pessoas refugiam-se em grupos fundamentalistas em que as verdades são ensinadas de maneira dogmatizada, evitando, assim, a angústia da dúvida.⁸²

Esta abertura ao transcendente, entretanto, não implica que a pessoa esteja disposta a aceitar de uma religião e assumir suas exigências. Reduz-se à procura de satisfazer as necessidades pessoais.

A centralidade das emoções

Se antes acentuava a razão, agora a emoção é que ganha relevância. Com isso, corre-se o risco de levar ao esvaziamento intelectual, da consciência crítica e chegar à superficialidade diante da sociedade. Dentro do ambiente religioso, aumenta cada vez mais o envolvimento das pessoas nos movimentos neopentecostais. Dentro desta linha de movimentos, percebe-se a ênfase nas emoções e subjetividade de seus participantes. Nestes ambientes, que os dirigentes apresentam para seu público a ausência ou diminuição de burocracia, simplificam a doutrina da Igreja, flexibilizam a moral e aumenta as diversidades, o espaço “celebrativo” é muito bem ornamentado, bonito. Os encontros marcados pelos caracteres de alegria e felicidade. O objetivo a ser alcançado na religião não é mais o encontro com Deus e fazer sua vontade, mas obter algum objetivo ou “graça” especial.

Na pós-modernidade, um aspecto diferente da centralidade da emoção, é a busca constante pela informação, sobretudo por parte dos jovens. Com o aumento do nível de formação escolar, vem na mesma direção o aumento do nível intelectual, fazendo com que se aumente o senso crítico, e a necessidade de uma base intelectual. Essas duas vias da pós-modernidade com a busca de conhecimento e a centralidade das emoções podem andar juntas.

⁸¹ Ibid., n. 17.

⁸² Ibid., n. 19.

Há espaço para a emoção, a informação e a imaginação. Diante disso, “a mensagem do Evangelho precisa ser apresentada como resposta às dimensões da vida do jovem. A formação deve ser integral, isto é, considerar as diversas dimensões da pessoa humana e os processos grupais”⁸³.

Perfil da juventude brasileira

O período da juventude é marcado como uma fase que o jovem tem disposição, criatividade, tendência a ajudar o próximo e disposição para o engajamento em atividades de caridade. Mas é uma fase também que se concentram problemas e desafios na vida do jovem. É uma etapa da vida caracterizada pelo processo de definição de identidade.

Já não podemos mais olhar para a juventude como ciclo de breve passagem para a vida adulta. O período da juventude se alongou e se transformou, ganhando maior complexidade e significação social, trazendo novas questões para as quais a sociedade ainda não tem respostas integralmente formuladas.⁸⁴

Para compreender quem é o jovem e propor um processo de evangelização da juventude, o primeiro passo consiste em perceber as várias faces e dimensões que compõem a sua vida. Reconhecer e tratar o jovem como um sujeito ativo com necessidades e potencialidades, respeitando sua subjetividade, levando em consideração a realidade de seu ethos, situação socioeconômica, seu envolvimento social e perfil religioso.

O engajamento dos jovens na sociedade, na família, na Igreja, está diretamente ligado à situação social em que ele está inserido, considerando “cor e etnia, sexo, local de moradia, as diferentes situações de responsabilidade face à família, além das variações relativas ao gosto musical ou estilo cultural e as pertencas associativas, religiosas, políticas”⁸⁵. A exclusão se expressa no desemprego para esta faixa etária, na criminalidade e altos níveis de assassinatos juvenis, no receio de ficar desconectado em uma sociedade virtual.

No que tange à religiosidade juvenil, ainda que determinados jovens se declarem ateus, experimentam algum tipo de experiência religiosa. Os que não vivem nenhuma fé religiosa institucional, acreditam em Deus e/ou tem outras crenças ou experiências místicas. Outros jovens, que receberam a herança religiosa de seus pais, têm questionado esta herança e, em muitos casos, têm rompido com esta herança e mudado de religião.

⁸³ Ibid., n. 25.

⁸⁴ Ibid., n. 27.

⁸⁵ Ibid., n. 30.

Na Igreja, é significativa a participação da juventude em diversas áreas da vida eclesial

Nas comunidades eclesiais de base e nas paróquias, participando das equipes de liturgia e de canto, atuando como catequistas, em diversas pastorais. Estão presentes também nas pastorais da juventude, nos movimentos eclesiais, nas novas comunidades e nas diferentes iniciativas promovidas pelas congregações religiosas e institutos seculares⁸⁶.

Dessas participações suscitam as diversas vocações para a vida religiosa, sacerdotal e outros ministérios na Igreja.

Valor da experiência acumulada da Igreja

A Igreja é uma das maiores organizações a conservar a tradição e experiência adquirida ao longo dos anos, no trabalho com a juventude. “É importante resgatar essa experiência, estando atentos aos sinais dos tempos (...) Os jovens são mais sensíveis às mudanças e propensos a aceitar o novo. Tudo o que acontece na sociedade tem seus reflexos na ação evangelizadora da juventude”⁸⁷. A evangelização dos jovens é uma obra que envolve uma força conjunta: a Pastoral da Juventude, os Movimentos Eclesiais, o Serviço Pastoral das Congregações e das Novas Comunidades além da contribuição das outras pastorais como Familiar, Vocacional, Catequética, Missionária, etc.⁸⁸

O seguimento de Jesus Cristo

A juventude está à procura de modelos referenciais. Em seu processo de evangelização, há a oportunidade de apresentar como modelo o próprio Cristo. Jesus que conversa com os jovens, caminha com seus amigos, com eles dialoga, debate e orienta. Como Ele convidou discípulos, ele convida a juventude hoje. O grande desafio consiste em “escutar a voz de Cristo em meio a tantas outras vozes”⁸⁹. Aquele que acolhe o chamado a ser discípulo de Cristo, transforma-se em portador de Jesus e de sua mensagem. É chamado a evangelizar os outros jovens.

Igreja, comunidade dos discípulos de Jesus

Ao aceitar o projeto de Cristo, os jovens são inseridos na vida comunitária, na participação eclesial. Mas tal participação não acontece com a maioria da juventude.

⁸⁶ Ibid., n. 47.

⁸⁷ Ibid., n. 49.

⁸⁸ Ibid., n. 50.

⁸⁹ Ibid., n. 60.

Mesmo com a presença significativa de jovens no espaço eclesial, constatamos a ausência da grande maioria. Isto se reflete, também, na dificuldade de atrair vocações para o ministério presbiteral, para a vida consagrada e para o laicato. Na evangelização da juventude está em jogo o presente e o futuro da Igreja.⁹⁰

Para todos os jovens, o modelo apresentado é o de Jesus, o Bom Pastor, que conhece suas ovelhas pelo nome, que reconhece seu rebanho e seu rebanho conhece seu pastor. E o Bom Pastor dá a vida por suas ovelhas.

Ao receber o batismo, o cristão se torna responsável pela Igreja e sua construção. É necessário envolver o jovem na participação ativa na comunidade eclesial, nas tomadas de decisões. Valoriza-se o diálogo e presença no processo de renovação contínuo da Igreja perante o mundo. “Trata-se de valorizar a participação dos jovens nos conselhos, reuniões de grupo, assembleias, equipes, processo de avaliação e planejamento”.⁹¹

O importante, ao falar para os jovens sobre a Igreja, é apresentá-la como um “mistério que persevera através da história humana devido à presença do Espírito Santo”.⁹² Ao falar de Deus para/com a juventude, não deve ser a partir de um Deus distante, mas que vem de dentro do próprio jovem, real, ao modo das características da juventude: alegria, dinamismo, criatividade e ousadia. Compreende-se assim o jovem como um lugar teológico. Assim sendo, faz-se necessário ler e desvelar esta realidade, vendo o sagrado que manifesta na juventude.

A evangelização da juventude deve abranger, além da inserção na vida eclesial, o envolvimento dos jovens nos projetos de construção de uma sociedade solidária, justa e fraterna, participando ativamente das atividades econômicas, sociais, políticas contribuindo para a solução de conflitos de forma pacífica.

Linhas de ação

Depois de fazer um panorama sobre o perfil da juventude e confrontar com alguns princípios, o documento apresenta oito linhas de ação para a evangelização da juventude: formação integral do/a discípulo/a; espiritualidade; pedagogia da formação; discípulos e discípulas para a missão; estruturas de acompanhamento; ministério da assessoria; diálogo fé e razão; o direito à vida.

⁹⁰ Ibid., n. 70.

⁹¹ Ibid., n. 76.

⁹² Ibid., n. 79.

Formação integral do(a) discípulo(a): o ponto chave desta linha de ação é “considerar o jovem como um todo, evitando assim reducionismos que distorçam a proposta de educação na fé, reduzindo-a a uma proposta psicologizante, espiritualista ou politizante”.⁹³ Articula as dimensões psicoafetiva, psicossocial, mística, sociopolítico-ecológica e capacitação.

Espiritualidade: a espiritualidade, para atender às demandas dos jovens, deve ter características semelhantes às da juventude, contemplando “a alegria, o movimento, a expressão corporal, a música, os símbolos, o envolvimento com a vida, a amizade, a convivência, a espontaneidade, etc”⁹⁴. Propõe-se levar o jovem a Jesus Cristo, modelo e centro do projeto de vida juvenil. A espiritualidade assume a postura da espiritualidade juvenil de “jovens evangelizando jovens”. A metodologia para promover esta espiritualidade da juventude implica ainda oração pessoal e comunitária, participação comunitária, leitura orante da Bíblia, vivência dos sacramentos, devoção a Nossa Senhora, encontros espirituais, leituras e reflexões.

Pedagogia de formação: a formação deve levar o jovem ao amadurecimento na fé. Prioriza a experiência sobre a teoria, trabalha com pequenos grupos ou com eventos de aglomeração em massa, dependendo do caso. É importante ir ao encontro do jovem no ambiente em que ele se encontra, identificar quais são seus interesses e aspirações para, com uma linguagem que tenha significação para ele, provocar o interesse da parte do jovem. “Trata-se de caminhar e dialogar com os jovens, partindo das suas vidas e preocupações, iluminando estas preocupações com a dimensão da fé e incentivando a uma ação concreta de mudança pessoal ou de situações”⁹⁵.

Discípulos e discípulas para a missão: ir até o jovem onde ele está, não esperar que ele apareça espontaneamente na comunidade eclesial. A pastoral juvenil não se restringe aos jovens que já foram atingidos por alguma pastoral ou movimento da Igreja. Estes são apenas uma pequena parcela da juventude que precisa ser contemplada/incluída. Ao ser atingido por algum processo de formação, o jovem se sente como discípulo e, conseqüentemente, missionário que quer partilhar com outros jovens.

⁹³ Ibid., n.96.

⁹⁴ Ibid., n. 118.

⁹⁵ Ibid., n. 146.

Estruturas de acompanhamento: a organização da evangelização da juventude apresenta dois desafios: a necessidade de fortalecer as estruturas que contribuem para o processo de educação na fé dos jovens e uma articulação mais ampla que envolva todas as forças que trabalham com a juventude⁹⁶.

A grande dificuldade da organização das estruturas juvenis, está ligada a crise que existe nesta estrutura, seja diocesana, paroquial, comunitária. Tal crise tem suas raízes em diversos fatores: “uma nova cultura mais individualista, a ausência de assessores adultos, de pessoas liberadas e pouca disponibilidade de investimento, falta de infraestrutura para o trabalho”⁹⁷. A estruturação garante a eficácia da formação juvenil. Mas não há um único modelo, pronto, de organização da juventude. Este planejamento deve ser feito de acordo com a realidade de cada diocese, paróquia, comunidade.

Ministério da assessoria: a assessoria junto aos jovens é uma preocupação por parte da Igreja. É necessário “identificar e capacitar pessoas, maduras na fé e chamadas por Deus para exercerem o ministério da assessoria, acompanhando os processos de educação na fé dos jovens”⁹⁸. O processo de educação na fé exige acompanhamento. Este, por sua vez, necessita da figura de um acompanhante.

Uma grande dificuldade que a Igreja encontra no processo de evangelização da juventude, refere-se à assessoria. Faltam pessoas que tenham o perfil para exercer este ministério. O assessor é aquele que auxilia, está junto com os jovens para que estes elaborem seu projeto de vida, no seguimento de Jesus Cristo. Esse assessor já discerniu sobre seu projeto de vida. Não basta apenas boa vontade, mas exige-se formação e preparo em todos os âmbitos: pastoral, teológico e pedagógico.

Diálogo fé e razão: com o avanço da escolaridade dos jovens, eles tendem a se fascinar pela racionalidade, em especial ao que se refere às ciências e às tecnologias. Diante disso, a ação pastoral favoreça a articulação entre a base intelectual de maneira crítica e a vida cristã autêntica. Dessa forma, leva-se o jovem a atuar de forma responsável no mundo⁹⁹.

⁹⁶ Ibid., n. 184-186.

⁹⁷ Ibid., n. 187.

⁹⁸ Ibid., n. 203.

⁹⁹ Ibid., n. 218, p. 110.

Fé e razão não é um dualismo de oposição, mas se ajudam mutuamente favorecendo os valores do Reino. Para que esta ajuda aconteça, urge organizar uma pastoral eficiente junto aos jovens no meio universitário com materiais e subsídios que levem ao crescimento na fé associado a busca do conhecimento.

Direito à vida: falar em direito à vida, não quer dizer somente nos riscos que todos correm no dia-a-dia no Brasil, mas quer dizer também a garantia da vida com qualidade. Isso implica direito à educação, segurança, renda, cultura, lazer, assistência social, saúde, participação social. Implica também o seio familiar saudável. É necessária a ação conjunta de organizações da sociedade civil, ONGs, movimentos juvenis, órgãos governamentais, parlamentos, universidades, Igrejas e grupos religiosos. Juntos, em vista da:

superação das estruturas produtoras de desigualdade social, ampliação do acesso e da permanência na escola de qualidade, erradicação do analfabetismo entre os jovens, preparação para o mundo do trabalho, geração de postos de trabalho e renda, luta para que os direitos trabalhistas dos jovens sejam respeitados, promoção de vida saudável, democratização do acesso ao esporte, ao lazer, à cultura e à tecnologia da informação, promoção dos direitos humanos e das políticas afirmativas, combate à criminalidade e garantia da segurança pública, estímulo à cidadania e à participação social, democratização do acesso à terra e defesa de uma política agrícola que incentive a pequena agricultura familiar, reconhecimento e valorização da qualidade de vida dos jovens no meio rural e nas comunidades tradicionais¹⁰⁰

2.2.6. Conclusão

Os bispos do Brasil renovam sua opção afetiva e efetiva pelos jovens. Reconhecem a juventude como um lugar teológico. “Como discípulos e missionários de Jesus Cristo queremos ir, com amor preferencial, ao encontro dos jovens que mais sofrem as consequências das injustiças, da pobreza e da falta de ideais capazes de abrir horizontes para suas vidas”¹⁰¹.

2.3. Documento de Aparecida

A V Conferência Geral do Episcopado Latino Americano e do Caribe, realizada na cidade de Aparecida-SP, entre os dias 13 a 31 de maio de 2007, reuniu-se com o intuito de estimular a evangelização no continente. Escolheu-se para esta conferência a casa da mãe Aparecida, modelo de discípula e missionária de Cristo.

¹⁰⁰ Ibid., n. 239.

¹⁰¹ Ibid., n. 249.

No que se refere à juventude, o Documento de Aparecida dedica os números 442 a 446 para a evangelização da adolescência e juventude, que “constituem grande maioria da população da América latina e do caribe” (DAp, n. 443). A adolescência merece especial atenção pastoral por ser uma idade em que o adolescente está à procura de sua identidade e pode ser vítima de falsos líderes. “É necessário estimular a pastoral dos adolescentes, com suas próprias características, que garanta sua perseverança e o crescimento na fé. O adolescente procura uma experiência de amizade com Jesus” (DAp, n. 442).

O jovem, pela sua abertura ao que é novo, propenso ao chamado de descobrir “sua vocação a ser amigos e discípulos de Cristo” (DAp, n. 443). Esta fase da vida é marcada pela descoberta de uma vida com sentido. Não teme, portanto, entregar sua vida a um objetivo maior, seu temor é uma viver sem sentido. Tende a ser generoso e caridoso, servindo aos irmãos, especialmente aos mais necessitados.

As situações de desigualdades, os cenários de pobreza e exclusão levam à marginalização da juventude. Os jovens, marginalizados da sociedade, tornam-se presas fáceis às propostas pseudo-religiosas (Cf. DAp, n. 444).

A educação de baixa qualidade, somada à limitação das possibilidades de vida, dificultam a correta tomada de decisão de forma duradoura e correta de acordo com os princípios morais e éticos do cristianismo. Cai facilmente nas ciladas dos sistemas de corrupção e drogas. Preocupa à conferência o que se refere ao “uso indiscriminado e abusivo que muitos jovens fazem da comunicação virtual” (DAp, n. 445).

O Documento apresenta oito linhas de ação, diante dos desafios à juventude (DAp, n. 446): a) reafirmar a opção preferencial pelos pobres, em sintonia com a família, impulsionando a pastoral juvenil e os movimentos jovens nas diversas realidades eclesiais; b) trazer os movimentos juvenis à rede educativa e missionária da comunidade eclesial; c) proporcionar aos jovens o encontro efetivo com Jesus Cristo, caminhando junto à Igreja, “na frequência aos sacramentos da Eucaristia e da Reconciliação, da direção espiritual e do apostolado”; d) privilegiar processos de educação e amadurecimento na fé. De modo especial, implementar uma catequese atrativa para os jovens que os introduza no conhecimento do mistério de Cristo; e) incentivar a ação social e política de mudanças sociais, privilegiando a opção preferencial pelos mais necessitados; f) auxiliar na capacitação técnica para obter oportunidades junto ao mercado e assim evitar que esses jovens caiam nas tentações das drogas e violências; g) inserir adultos capacitados no mundo dos jovens, guiando-lhes pelos caminhos

da justiça; h) “Assegurar a participação dos jovens em peregrinações, nas Jornadas nacionais e mundiais da Juventude, com a devida preparação espiritual e missionária e com a companhia de seus pastores”. Seguindo o método de Libanio, evangelizar “com” os jovens. O pastor caminha com seu rebanho, protegendo-lhe e guiado pelos prados e campinas por onde passam.

2.4. Diretrizes Gerais da Ação Evangelizadora da Igreja no Brasil 2011-2015

As Diretrizes Gerais da Ação Evangelizadora da Igreja no Brasil (DGAE), fruto da 49ª Assembleia Geral dos Bispos do Brasil, em Aparecida-SP, entre os dias 04 a 13 de maio de 2011, trabalhou de forma geral sobre a urgência do processo de evangelização. Não especificamente da juventude, mas olhando para a Igreja do Brasil num todo. Esta evangelização é impulsionada pela ação do Espírito Santo que faz a Igreja perceber os sinais dos tempos e as necessidades das comunidades, em especial àqueles que se encontram em situações de riscos, que levam ao afastamento dos valores do Reino de Deus.

As Diretrizes estão organizadas em cinco capítulos: Partir de Jesus Cristo; Marcas de nosso tempo; Urgências na ação evangelizadora; Perspectivas de ação e Indicações de operacionalização. São para, como o nome diz, direcionar a ação evangelizadora da Igreja. Cabe às comunidades colocar em prática e discernir realidades que lhes são peculiares, preservando a unidade com a Igreja e a diversidade das necessidades. O ponto de partida e o de chegada da ação evangelizadora é o próprio Jesus Cristo, modelo a ser apresentado a todos, em especial à juventude que procura os modelos a serem seguidos. É modelo também daqueles que conduzem a Igreja e daqueles que estão à frente, as lideranças juvenis, como o Bom Pastor que dá a vida por suas ovelhas.

No que se refere à temática da juventude, as diretrizes abordam pouco a temática. O número 81 é o mais importante nesse sentido. Entretanto, os verbetes relacionados aos jovens e adolescentes aparecem em onze números do documento, geralmente citando documentos anteriores da CNBB ou CELAM. Apresentam as situações de risco e marginalização da juventude perante a sociedade excludente pós-moderna.

Atenção especial merecem os nossos jovens. A beleza da juventude e os inúmeros desafios para a plenitude de sua vida nos exigem urgentes iniciativas pastorais nas diversas instâncias de nossa ação evangelizadora. O Documento 85 da CNBB motiva e norteia nossos projetos em vista disso. A crescente participação do Brasil nas Jornadas Mundiais da Juventude nos convida, também, à organização de um caminho que garanta o crescimento da animação dos jovens em vista de sua identidade de discípulos missionários de

Jesus Cristo. O combate à apologia e ao uso de drogas, a todo tipo de violência e extermínio de jovens, uma atraente proposta vocacional e a oferta de um itinerário para a organização de seu projeto pessoal de vida contribuirão com a vida plena desta parcela tão significativa de nossa Igreja e da sociedade. (DGAE 2011-2015, n. 81)

Atenção especial merecem nossos jovens. Esta afirmação é confirmação da opção fundamental que Puebla fez pelos jovens e pelo Documento 85 da CNBB. Esta opção preferencial carece de ações sucessivas e gradativas com os jovens onde eles estão. É missão de toda a Igreja, em todas suas instâncias. O objetivo é levar o jovem a elaborar, como o apoio de assessores, e seguir seu projeto de vida. Privilegia a JMJ como espaço propício à evangelização e proporcione aos jovens o encontro pessoal e comunitário com Jesus.

Neste número ainda ressalta o *combate à violência e ao extermínio de jovens*, fato alarmante na realidade do Brasil. É necessário lutar pela vida dos jovens. Quanto à *proposta vocacional*, há que proporcionar a reflexão sobre a vocação de cada um. Primeiramente como filhos de Deus, seguidores de Jesus e, depois a vocação ao serviço na construção do Reino, seja na forma de leigo casado/consagrado, seja na vida sacerdotal. Por fim retoma o *projeto de vida*, onde cada um é protagonista de sua história com ideais a serem alcançados.

Quase no fim das DGAE, volta a abordagem da temática da juventude:

As crianças, adolescentes e jovens, que constituem uma parcela importante da população brasileira, precisam de maior atenção por parte de nossas comunidades eclesiais, pois são os mais expostos ao drama do abandono e ao perigo das drogas, da violência, da venda de armas, abuso sexual, bem como a falta de oportunidades e perspectivas de futuro. Além da pastoral da juventude e em sintonia com ela, é urgente uma pastoral infanto-juvenil mais consistente e efetiva em nossas Igrejas. (DGAE 2011-2015, n. 109)

Fala-se, novamente, sobre a atenção especial por parte da Igreja à juventude. Agora elencando elementos perigosos aos quais estão expostos os jovens, assim como adolescentes e crianças. Invoca também uma pastoral infanto-juvenil para auxiliar pastoral da juventude em sua missão. Isto se faz com planejamento e inserção do próprio jovem como protagonista do processo de evangelização da juventude (Cf. DGAE 2011-2015, n. 124).

A catequese deve ser mistagógica, que introduza a juventude no mistério salvífico de Cristo, levando os jovens à maior participação nas comunidades eclesiais, assumindo a dimensão missionária, não ficando apenas na iniciação cristã, mas aprofundado cada vez mais na fé, num processo de evangelização permanente.

Em primeiro lugar, o processo permanente de iniciação apresenta uma série de exigências para a evangelização: acolhida, diálogo, partilha, bem como maior familiaridade com a Palavra de Deus e a vida em comunidade. Em segundo lugar, implica estruturas, isto é, grupos de estilo catecumenal nos mais diversos lugares e horários, sempre disponíveis a acolher, apresentar Jesus Cristo e dar as razões da nossa esperança (DGAE 2011-2015, n. 42).

Na caminhada com a juventude, é importante que as comunidades cristãs se abram ao diálogo e relacionamento com a sociedade. Não demonizar o mundo, sobretudo a tecnologia e meios de comunicação, mas utilizar de todos os meios que estão ao alcance para evangelizar, levar os jovens ao encontro profundo e verdadeiro com Cristo, assumindo seu papel de discípulo e missionário na Igreja e na sociedade.

2.5. Conclusão do capítulo

Ao analisar estes documentos da Igreja, observa-se que são muito próximos, falam de forma unânime sobre a importância de se desenvolver em todas as estruturas eclesiais, seja diocese, paróquia, comunidades, movimentos, congregações religiosas que lidam com a juventude, um espaço adequado que leve os jovens a ter seu encontro pessoal com Jesus. Desse encontro pessoal, passa-se ao encontro em comunidade com Cristo. Do encontro comunitário passa-se à missão de ir e anunciar aos outros jovens aquilo que lhe foi transmitido.

É importante a capacitação dos agentes evangelizadores da juventude. Esses agentes devem ser perspicazes na identificação das questões subjetivas dos jovens, respeitando suas individualidades, conduzindo-os aos caminhos do Ressuscitado, como verdadeiros pastores que conhecem seu rebanho e o conduz pelos caminhos do bem, da justiça e da paz, pelos caminhos de Jesus Cristo.

Capítulo III: João Batista Libanio e as juventudes

Em seu primeiro livro, *O mundo dos jovens*¹⁰², Libanio aborda a temática da juventude a partir de sua experiência pastoral junto aos jovens que ele acompanhou do CJC (Cursos da Juventude Cristã) e TLC (Treinamento de Liderança Cristã). Ao retornar da Europa, Libanio não se detém no espaço acadêmico. Alimentando-se do espírito do Vaticano II, coloca na prática pastoral as aspirações teológicas trazidos pelo Concílio. Com os jovens destes movimentos, encontrava-se periodicamente, ao menos quatro vezes ao ano.¹⁰³

A prática teológico-pastoral de Libanio com a juventude tem seu embasamento na experiência dos trabalhos dos Exercícios Espirituais inicianos, com grupos juvenis, acompanhando e incentivando projetos de vida e cursos com jovens. De sua experiência prática, propõe pistas, caminhos e apontamentos para os jovens e para aqueles que atuam com a juventude.

Partindo da Teologia da Libertação, Libanio adota a perspectiva de não fazer teologia, catequese, evangelização da juventude somente a partir dos conhecimentos teológicos. Em sua metodologia, o primeiro passo para a eficácia teológica e catequética consiste no conhecimento do jovem. Quais são os anseios, as dificuldades, os questionamentos que as juventudes têm junto às instituições família, escola, Igreja? Em uma palestra para catequistas¹⁰⁴, Libanio diz claramente que “não adianta começar nenhuma catequese a partir do conhecimento da catequese... O primeiro passo é conhecer o jovem”. O ponto de partida começa com a evangelização de acordo com as condições pessoais de cada um, capacidades, conhecimentos e vivência de fé que já possui. Mas é não contentar-se com o estágio de fé que cada um alcançou. E sim levar os jovens cada vez mais à frente no processo de encontro com Deus na vida comunitária.

3.1. A compreensão de Libanio sobre as juventudes

Enquanto alguns autores refletem sobre o período da adolescência como uma fase pré-jovem, distinta especificamente da juventude, Libanio compreende a juventude como a

¹⁰² LIBANIO, J. B. *O mundo dos jovens*: reflexões teológico-pastorais sobre os movimentos de juventude da Igreja. São Paulo: Loyola, 1978. (Teologia e Evangelização, III).

¹⁰³ Cf. MURAD, A. Libanio, o teólogo que pensou sobre/com a juventude. *Atualidade Teológica*, Rio de Janeiro, v. 48, p. 590-608, set./dez. 2014.

¹⁰⁴ LIBANIO, J. B. *Tendências para juventude e a catequese*.

abrangência destes dois períodos, em vista da construção de identidade e da autonomia do indivíduo. “O fim da adolescência e da juventude é mais social que psicobiológico. Faz-se pela mudança na situação social: entrada estável no mundo do trabalho, constituição de uma família própria, encargos cívicos”¹⁰⁵.

Dentre todos os espaços de socialização, a Igreja deve ser para a juventude o lugar por excelência onde ele possa desenvolver sua humanidade. Há que se observar que os jovens participam de instituições como a família e a escola. Se a Igreja assumir-se, ao lado destas outras instituições, como espaço de socialização, de construção de identidades, de construção de si, ela vai reformular alguns projetos e ideias que tem sobre a juventude, passando a pensar com e a partir dela.

Antes de esboçar qualquer julgamento sobre a juventude, Libanio contextualiza onde ela está inserida, qual é seu cenário. Só depois da análise do contexto é que se pode analisar a pessoa, os jovens. Junto a essa contextualização, ele faz a análise crítica, lança seu olhar sobre esta realidade juvenil. Libanio habilmente não se contenta em disseminar teorias e visões. Ele faz apreciações permeadas pela luz da fé, sobretudo embasado na teologia da libertação, com os pés no chão, a partir da realidade.

Libanio pondera sobre a juventude discernindo cada jovem dentro de um processo pessoal de individualização, em seu processo de construção de si em diálogo com os processos de socialização. A percepção do eu, do outro, dos outros, quanto limite social de alteridade, estão articulados no processo de construção de sua identidade. A compreensão que o jovem faz de si, está diretamente ligada à concepção do contexto em que está inserido¹⁰⁶.

Atrelados às questões culturais, há ainda que se refletir sobre as mudanças biossômáticas¹⁰⁷, aos quais passam os adolescentes/jovens, as modificações em seu corpo. As experiências externas são vivenciadas a partir de seu contato direto com seu corpo¹⁰⁸. Em seu amadurecimento corpóreo, vê-se o crescimento dos pelos pubianos, alteração na voz, perde-se um pouco o a coordenação motora, o domínio corporal. São processos normais nessa fase de transição. Assim como o corpo está mudando, o jovem está em maturação, reestruturando sua identidade. Essas alterações corporais ocasionam certa indefinição de sua personalidade. Afinal sendo seu corpo e, estando o corpo está numa fase de transformações, em um ciclo de passagem

¹⁰⁵ LIBANIO, op. cit., 2004, p. 15.

¹⁰⁶ Ibid., p. 20.

¹⁰⁷ Ibid., p. 21.

¹⁰⁸ Cf. Merleau-Ponty, M. *Fenomenologia da percepção*, 2011, p. 278.

à fase adulta, sua identidade também está em transição, formando-se. Este período é fortemente marcado pela necessidade de ser visto, de ser reconhecido. Quer ser diferente, mas ao mesmo tempo, ser igual. “Sofre o dilema ou de morrer para a infância para ser inserido pelos colegas e pela sociedade em outro grupo etário ou de prolongar a doce ‘irresponsabilidade’ infantil”¹⁰⁹.

O período da juventude pode ser compreendido como a construção de um novo ser, uma nova identidade, a adulta. Até que essa identidade esteja definida, o jovem apresenta diversas alterações de sentimentos e de pensamentos: ora ama, ora odeia; está feliz, rindo e, de repente, está em prantos... Paralelamente à essa necessidade juvenil de produção, de seu novo modo de ser, os jovens assimilam elementos culturais para sua vida. A juventude assimila bem as questões da cultura. Neste tempo de pós-modernidade, os jovens, cada vez mais conectados, estão atentos aos acontecimentos sociais, sobretudo à moda, às músicas, à cultura em geral. Já nos anos de 1980, uma emissora de TV, descobrindo o potencial do marketing junto à juventude, fez uma pesquisa descobrindo que esta faixa etária demandava produtos e programações específicos para ela¹¹⁰. Os jovens não queriam as mesmas coisas que os adultos, muito menos, as mesmas coisas que as crianças. Desta pesquisa, nasceu um canal de TV específico para a faixa etária da juventude. A programação desta TV foi toda adaptada à linguagem e expressões juvenis. A emissora percebeu a necessidade de adequação à segmentação jovem. Como fruto dessa pesquisa surgiu um canal de TV, a MTV.

Diante disso, porque não a Igreja também adotar uma linguagem que alcance o universo juvenil? Libanio reconhece a juventude como uma parte da sociedade – na sociedade – que demanda necessidades específicas. A conceituação acerca das juventudes acontecem sempre em relação com as concepções que se têm da cultura contemporânea em que os jovens estão inseridos, considerando sua participação na família, na escola, na Igreja, relacionando-os com a religião.

Libanio acompanha o itinerário histórico e cultural da juventude. Em *O mundo dos jovens*¹¹¹, ele apresenta as realidades da juventude: jovens ativos, engajados nas questões sociais e políticas. O contexto da sociedade era o regime militar com as implicações de repressão e perseguições políticas. Os encontros de Libanio com os jovens eram realizados em domicílios escondidos, desconhecidos pelo Exército e Polícia. Eram em casas fora da cidade de Juiz de

¹⁰⁹ LIBANIO, op. cit., 2004, p. 29.

¹¹⁰ ECTOR, M. *A fala dos jovens*. Vozes, 1983.

¹¹¹ LIBANIO, *O mundo dos jovens: reflexões teológico-pastorais sobre os movimentos de juventude da Igreja*. São Paulo: Loyola, 1978.

Fora que aconteciam suas reuniões com os jovens. Havia ameaças por parte da Polícia e do Exército. Foi uma experiência tensa, mas ao mesmo tempo, muito bonita, uma vivência intensa de uma época de muitas exigências.

Neste contexto, os jovens incorporaram à sua identidade a busca de uma sociedade diferente da que viviam. Mesmo em clima domesticado pelo regime militar, eles, ainda que minoria, formaram uma consciência capaz de não se deixar seduzir pelo governo militar. Havia maior consistência dos projetos de vida almejados pelos jovens. A necessidade da militância jovem junto à sociedade era clara. Lutavam para construir uma sociedade sem repressão. Na Ação Católica, sobretudo os jovens pertencentes à JAC, JEC, JIC, JOC e JUC empenhavam-se na mudança social. Com jovens pertencentes aos ambientes universitários (JUC) e escolares do ensino médio (JEC) é que Libanio trabalhou com mais afinco. Os jovens, que aprenderam na infância, pela tradição recebida de seus genitores, a ser cristãos, são apoiados a decidir e confirmar com convicção, de forma livre e responsável, sua fé.

Libanio organizou sua primeira obra em cinco capítulos: a pastoral da juventude e os seus interesses; situação da juventude atual; os atuais movimentos: sua estrutura e os jovens que os frequentam; principais dimensões dos atuais movimentos; perspectivas conclusivas.

No primeiro capítulo, ressalta a descontinuidade da Igreja no trabalho com a juventude. “Com o fim da JUC, desapareceram também outros movimentos criados para constituir uma alternativa, quando não uma oposição à JUC”¹¹². Houve a dissolução também das equipes da JIC e JEC. Como resultado, findou-se a Ação Católica nos anos posteriores, dispersando os agentes da pastoral da juventude, levando alguns a se afastarem de tal pastoral. Os remanescentes agrupam-se em pequenos movimentos, com estruturas mais leves, flexíveis, em contínuo processo de reformulação. Vão se criando tantos grupos ramificados do movimento que acabam por perder o controle dos cursos que os grupos vão tomando. Isto, por muitas vezes, deve-se à falta de comprometimento, seriedade ou equilíbrio dos dirigentes. “Não faltam, aliás, abusos, frutos de arbitrariedade, falta de seriedade, de equilíbrio de dirigentes ou orientadores. Tal descontrole leva-os facilmente à morte e ao descrédito”¹¹³. Por serem grupos pequenos que vão se dividindo, não resistem ao tempo e acabam.

No segundo capítulo, Libanio analisa, apovisionado de elementos sócio-político-econômicas, a situação do jovem diante da conjuntura social, abordando os seguintes fatores: o

¹¹² Ibid., p. 18.

¹¹³ Ibid., p. 29.

domínio da tecno-burocracia; vazio de encontros sérios; a reversão de conquistas da modernidade; a perda da raiz popular; força alienadora da sociedade atual; o paradoxo do voluntarismo ante estruturas e a submissão a elas; decalagem entre as gerações e a maré montante dos jovens; fragilidade dos laços afetivos; algumas mudanças profundas no meio da juventude¹¹⁴.

O capítulo terceiro adentra no cerne da problemática abordada por Libanio: o estudo dos movimentos da juventude. Com a extinção da Ação Católica e de movimentos tradicionais como a Cruzada Eucarística e Congregação Mariana, surgiram movimentos jovens – alguns que perduraram, outros não – como TLC, Shalom, Emaús, CJC, Escalada, Etapa, Encontros, Amigos de Cristo, Eureka, etc¹¹⁵.

Nas articulações para a realização de movimentos juvenis, exercia papel essencial o colégio. Era a partir da vivência colegial que se promoviam os encontros e o próprio ambiente escolar favorecia à continuidade das atividades. Outros se formavam a partir da experiência catequética de grupos de perseverança. Ainda havia os que se conglomeravam dentro da comunidade paroquial. Para este terceiro espaço era essencial a vitalidade da paróquia e do zelo pastoral do pároco¹¹⁶.

Seguindo seu método teológico-pastoral, Libanio adota como ponto inicial o conhecimento do jovem. Para isso ele fornece uma tipologia dos jovens que participavam dos movimentos: jovens existencialmente inquietos; jovens socialmente inquietos; jovens tradicionais religiosamente; jovens alienados; jovens pobres em busca de ascensão social; jovens existencial e socialmente integrados.

*Jovens existencialmente inquietos*¹¹⁷: a maioria dos jovens atraídos pelos encontros. Oriundos das classes abastadas da sociedade, com disponibilidade de recursos materiais e sociais; de vida sexual liberal. Sentem-se inquietos, insatisfeitos, angustiados ou vazios.

*Jovens socialmente inquietos*¹¹⁸: são insatisfeitos devido às percepções que têm das injustiças sociais. Têm interesse cultural e consciência crítica, lutam para manter essa consciência ardente.

¹¹⁴ Cf. Libanio, op. cit., p. 64-72.

¹¹⁵ Ibid., p. 73.

¹¹⁶ Ibid., p. 73-77.

¹¹⁷ Ibid., p. 78-80.

¹¹⁸ Ibid., p. 81-82.

*Jovens tradicionais religiosamente*¹¹⁹: são acostumados à prática religiosa aprendida na família. Não questionam tal prática e buscam mantê-la. Em geral vêm de regiões rurais ou cidades pequenas.

*Jovens alienados*¹²⁰: seu ideal se restringe à formação intelectual em vista ao sucesso profissional e criação de um lar. Almejam recursos materiais. A vida religiosa não tem importância. Vivem do presente.

*Jovens pobres em busca de ascensão social*¹²¹: vêm de famílias mais pobres. Dificilmente entram para o ensino superior devido às desigualdades socioeconômicas. Trazem a experiência de dificuldade para estudar, por isso se dedicam com tenacidade aos estudos em vista da ascensão social para si e para os seus.

*Jovens existencial e socialmente integrados*¹²²: integram-se pela prática social – de acordo com seu estágio e situação atual – superando a fase da inquietude existencial. Seus problemas existenciais não ocupam o centro de suas energias. As práticas sociais ultrapassam as questões que os jovens têm de cunhos existenciais.

No quarto capítulo, *principais dimensões dos atuais movimentos*, sem o intuito de tipificar tais iniciativas, Libanio elucida a existência de várias dimensões em cada movimento: psicologizante; moral-religiosa; espiritualista; teológica; intelectual; prática.

Dimensão psicologizante: não significa exclusividade mas predominância. Atenta à problemática psico-individual, parte-se do fato do jovem sofrer impactos vindos de diversos segmentos da sociedade. Trabalham com jovens que possuem problemas psicológicos de carência afetiva, fixações, dificuldades de relacionamento.

Dimensão moral-religiosa: visa levar o jovem ao equilíbrio em sua vida moral, sobretudo no que tange à sexualidade e na prática religiosa, principalmente à frequência eucarística. Oferece ao jovem uma conscientização acerca da indignidade da vida moral desregrada e a possibilidade do perdão de Deus pela via da confissão. Propõe-se a Eucaristia no ritmo do encontro de amizade entre Cristo e o cristão.

Dimensão espiritualista: acentuação na vivência espiritual, na oração centrada na ação do Espírito Santo que se manifesta em seus dons internos e visíveis como a glossolalia,

¹¹⁹ Ibid., p. 82-83.

¹²⁰ Ibid., p. 83-84.

¹²¹ Ibid., p. 84-86.

¹²² Ibid., p. 86-87.

profecia, etc., na linha da “Renovação Carismática”. Este clima é propício ao despertar da vida contemplativa e ativa, no Espírito.

Dimensão teológica: é possível que haja em um mesmo encontro elementos teológicos de diferentes correntes, pois seus líderes bebem de fontes heterogêneas. Suscitam uma produção teológica complexa dentro do movimento, seguindo as linhas da ortodoxia ou espiritualista, existencial e/ou social.

Dimensão intelectual: os encontros são pontos de partida para a abordagem de temas histórico-culturais. Os estudos complementam os que são realizados nas faculdades. Em alguns grupos, esta dimensão culmina na produção literária em jornais e folhas de comunicação local.

Dimensão prática: encoraja os jovens às práticas internas no próprio movimento tornando-se dirigentes dos próximos encontros. Em outros casos, procura-se externar a dimensão espiritualista, de reavivamento interior e religioso. Em determinados grupos, ao sentirem as divergências das realidades sociais, empenham-se na prática assistencial de auxílio aos mais necessitados.

No último capítulo, Libanio apresenta as perspectivas conclusivas. As experiências dos jovens têm se distanciado das vivências das gerações anteriores. Incumbe aos agentes pastorais traduzir a tradição eclesial em termos de experiências para a juventude atual. “Noutras palavras, a função hermenêutica ocupa lugar central na catequese moderna”¹²³.

Com as mudanças de paradigmas, Libanio refaz sua leitura sobre a juventude, atualizando suas análises e compreensões em *Jovens em tempo de pós-modernidade*¹²⁴. Interessa-lhe “o olhar dos jovens sobre esse mundo cultural metido na modernidade avançada, mas com relíquias culturais de outras eras. Caracteriza-se o momento atual pela simultaneidade de diversas culturas, de religiões, de eras”. Diante da pluralidade sociocultural do mundo pós-moderno, encara a juventude como “uma construção social”¹²⁵ na qual a sociedade marca os jovens “com suas características econômicas, políticas e sobretudo culturais. E o jovem assimila esses elementos numa relação interativa”¹²⁶. Na sociedade pós-moderna predomina a racionalidade científica e tecnológica. A razão instrumental comanda a cultura juvenil.

¹²³ Ibid., p. 208.

¹²⁴ O conteúdo desta obra fora desenvolvido do capítulo I e na parte inicial deste capítulo III.

¹²⁵ Libanio, 2004. op. cit., p. 39.

¹²⁶ Ibid., p. 39.

Entretanto aqueles que estão marginalizados desta realidade sociocultural pós-moderna, tendem a adentrar em desvios de conduta como a violência e a droga. “Embora o fenômeno da delinquência afete todas as classes, grassa sobretudo nas regiões de maior carência de lazer e instalações públicas condizentes”¹²⁷. Em meio à busca de prazer, ante às situações de marginalização da sociedade pós-moderna por grande parte dos jovens que não conseguem nem ao menos adentrar no mercado, acarreta com facilidade a entrada de muitos jovens no mundo das drogas. “A porta de entrada da droga é o prazer”¹²⁸. A Pastoral com os jovens é um recurso que previne a entrada da juventude nas drogas.

Jovem animado na pastoral dificilmente deixará envolver-se pela droga. Ela ocupa os espaços vazios da depressão, da falta de sentido, da carência de idealismo e do fechamento em si mesmo. A PJ responde com proposta positiva. O seu futuro é chegar antes que a droga. Depois fica difícil recuperar os dependentes. Como o motivo principal da entrada na droga é o sentimento de abandono familiar, a saída se fará pelo oposto: uma pastoral do aconchego, do acolhimento, da aproximação.¹²⁹

Em *Para onde vai a juventude?*¹³⁰ Libanio traz novas perspectivas sobre os caminhos sobre os quais os jovens estão trilhando. No seu itinerário, percebe as mudanças culturais, aprofunda no universo juvenil, analisa e fornece pistas de reflexões pastorais. Libanio trabalha com a categoria de *tendências*, pois indicam um movimento sem definir em que ponto o indivíduo se encontra dentro do trajeto. São apresentados dois pontos: um inicial e um final. Entre esses dois pontos, como em uma reta que os ligam, o próprio jovem identifica-se¹³¹.

Tendência indica o movimento, mas não onde a pessoa se situa. Por isso, ajuda entender a realidade presente altamente movediça e deixa livre constatar em que altura da tendência está o jovem ou grupo de jovens com que nos deparamos concretamente.¹³²

Nos últimos 40 anos, houve grandes mudanças na sociedade brasileira. Considerando somente a partir da segunda metade do séc. XX, quantas transformações teve a Igreja e a sociedade. A Igreja, com o advento do Concílio Vaticano II, trouxe uma nova visão a respeito da Igreja e de sua relação com o mundo. Este, por sua vez, passou em poucos anos, por grandes transformações em curto intervalo de tempo, com a chegada da pós-modernidade. Libanio foi sensível em perceber essas drásticas mudanças culturais. A Igreja necessita olhar para a juventude e ter coragem de mudar e propor projetos diferentes de seus já existentes. Até

¹²⁷ Ibid., p. 87.

¹²⁸ Ibid., p. 161.

¹²⁹ Ibid., p. 165.

¹³⁰ LIBANIO. *Para onde vai a juventude?: reflexões pastorais*. 2 ed. São Paulo: Paulus, 2012.

¹³¹ Cf. Libanio. 2012. op. cit. p. 9.

¹³² Ibid., p. 10.

poucas décadas atrás, uma geração mudava em relação à anterior em uma média de 11 anos. Entretanto, na realidade pós-moderna, a mudança de uma geração a outra reduziu o tempo mediano para 5 anos. Para uma pastoral com a juventude eficaz, é necessário acompanhar essas mudanças sociais, pois a juventude muda, atualiza, renova-se.

Diante da situação social, cultural e religiosa da juventude, Libanio ilumina a pastoral com os jovens a partir das categorias de tendências da juventude. Em seu livro, apresenta seis grupos de tendências: pessoais; na vida escolar, acadêmica; nas relações comunitárias; no mundo cultural; no mundo religioso; na sociedade e política. Libanio subdivide os seis grupos, caracterizando então 46 tendências.

3.1. Tendências pessoais e respostas pastorais

Nas tendências pessoais¹³³ englobam questões que começam pelas alterações biossomáticas atreladas às mudanças na formação de identidade. Do desenvolvimento físico lento, mas que assume responsabilidade cedo, passa-se à juventude com desenvolvimento físico acelerado e de menor maturidade psicoafetiva. Antes da década de 1980, o amadurecimento corporal era mais lento, enquanto o amadurecimento psíquico ocorria de forma mais rápida. Os jovens da atualidade desenvolvem com mais rapidez seus corpos, entretanto, a maturidade psíquica demora mais. Libanio sugere pensar uma pedagogia que sinalize com clareza o campo de responsabilidade em cada fase etária. O amadurecimento da juventude de ontem era acelerado desde a tomada de compromissos. A exigência leva ao amadurecimento. Entretanto, cobrança exagerada não leva à maturação e sim à fuga. Há que se delegar responsabilidades, de acordo com as possibilidades individuais de cada jovem, considerando sua idade e maturidade. Essas responsabilidades são aumentadas gradativamente de forma contínua.

Sem limite, sem cobranças, dificilmente alguém amadurece. Os jovens rejeitam exigências formais e impostas de cima sem mais. A via autoritária não forma. As demandas necessitam vir da realidade incontornável... A dureza excessiva da realidade o conduz à fuga, entregando-se à droga ou a outras alienações. A vida fácil sem cobrança o deixa irresponsável. O amadurecimento se processa com dosadas, sucessivas e continuadas exigências que o põem em ritmo de responsabilidade. Ele precisa responder a elas, do contrário a vida se lhe torna impossível.¹³⁴

¹³³ LIBANIO. 2012, op. cit. p. 13.

¹³⁴ Ibid., p. 16.

A juventude prezava por um dinamismo projetivo, no qual se viviam as utopias. Buscavam a realização de algo futuro. A Pastoral da Juventude, desta referida década, estimulava a militância juvenil na sociedade. Os jovens lutavam para construir uma sociedade igualitária, sem opressão. Então, passou-se para juventude que valoriza o dinamismo explorativo, onde o que vale são as vivências momentâneas pela busca da satisfação e do prazer. Não se troca a realização momentânea possível por um idealismo futuro, incerto de ser realizado. Ora, por mais acomodado que seja, o ser humano possui orientação para a transcendência e o futuro. Nesse sentido, propõe Libanio:

Os jovens aproveitam o presente melhor, com mais sentido e coragem, se vislumbram o futuro. Entram em questão a utopia e os sonhos... Diante do tríplice cenário – histórico existencial, a realidade presente e as ofertas de futuro -, toca aos jovens decidirem-se ir em direção à utopia sonhada, abrindo caminhos. Toda opção relevante afeta o ritmo pessoal, a relação com Deus, o relacionamento no interior da família, a maneira de conduzir o namoro, o cultivo das amizades, a natureza do lazer... Evite-se nessa orientação pastoral, por um lado, prender os jovens em projeto de vida muito minucioso e detalhado. Isso lhes tolhe a criatividade. Por outro, não se deixem os pontos demasiadamente soltos de modo que não fiquem só em palavras¹³⁵.

No campo da afetividade acontece a transição de receber afeto dos pais e estar submisso à instituição familiar, para a independência afetiva e autonomia da subjetividade. Triunfa o narcisismo e a busca incansável da autossatisfação. As relações de afeto deixam de ser preparadas passando ao “ficar”, à busca momentânea do prazer sexual sem compromisso, banalizado, sem a continuidade afetiva e efetiva do amor construído de forma consciente e responsável.

Libanio propõe, como prática pastoral, a promoção de encontros, com o auxílio de psicólogos, no intuito de discutir o amadurecimento psíquico. “Os encontros de caráter psicológico permitem diferentes graus de intensidade. Toca aos psicólogos conduzi-los conforme as circunstâncias e possibilidades de tempo, de frequência”¹³⁶.

Os temores das relações sexuais de risco, cederam lugar à naturalidade da sexualidade. Fora dominada e superada a era de repressão às questões referentes à sexualidade, sobretudo no que se refere à homossexualidade.

Descobriu-se o valor positivo da sadia tolerância e da consideração à diversidade de tendências sexuais... A psicologia e as ciências afins aprofundaram os estudos sobre a homossexualidade, livrando-a de ancestrais condenações por parte da sociedade e da religião. A moral reviu posições equivocadas por estreiteza de compreensão do próprio projeto de Deus.

¹³⁵ Ibid., p. 24.

¹³⁶ Ibid., p. 27.

Iniciou-se com profundidade e pertinência a elaboração de uma teologia a partir da perspectiva da pessoa *gay*¹³⁷.

A cultura que acentuava o machismo e sua supremacia, deu lugar à equiparação das diferenças sexuais, trazendo à tona a autoconsciência da dignidade da mulher frente à sua igualdade em todos os campos de atuação, inclusive em sua busca pelo prazer sexual. Com o avanço colossal das comunicações, sobretudo das redes sociais, a dificuldade que os jovens tinham de se expor confidencialmente, ainda que para pessoas íntimas a si, passam à facilidade e até mesmo necessidade de se expor na realidade virtual. Ainda que esta exposição seja feita virtualmente e com pseudônimo, também chamados *fakes*. Entretanto, esta necessidade de se mostrar ao mundo é tão intensa que muitos a fazem usando sua identidade real. Como solução, Libanio sugere, aos agentes que atuam com os jovens, adentrarem na cultura virtual para acaudilhar os caminhos da juventude.

Cabe à pastoral aproveitar-se das possibilidades da cultura virtual para orientar os jovens. Sem negar e excluir os insubstituíveis encontros face a face, a presença de adultos e formadores nos relacionamentos virtuais dos jovens contribui muito para a formação¹³⁸.

A moderação da busca do prazer deu lugar a uma crescente procura de autossatisfação sexual. Sem medo de suas consequências, consideram o uso de substâncias alucinógenas ou alcoólicas com normalidade. Essa difusão e uso de drogas no meio da juventude acontece devido

A sua abundante comercialização com conseqüente facilidade de obtê-la; a ousadia dos traficantes e comercializadores na porta de escolas; o uso de crianças como pombos-correio; a associação dela com a corrupção policial; a sedução da experiência; a perda do medo de experiências-limites no campo da droga; a entrada de drogas pesadas; o vazio existencial de muitos jovens que buscam compreensão; a prática de usá-la em grupo; a sua função de ingrediente animador de certas festas juvenis e *raves*.¹³⁹

A sugestão pastoral de Libanio não é de negar a procura pelo prazer, mas ampliar a sublimação desta satisfação. “Em vez de concentrar-se no prazer sexual sem negar-lhe a relevância, há três espaços prazerosos a serem trabalhados: o lúdico, o estético e o religioso... Exige-se pensar uma pedagogia do prazer”¹⁴⁰. A droga “alimenta a autocentração que, por sua vez, leva a pessoa a drogar-se mais. O compromisso com o outro rompe tal círculo vicioso. Caminho profícuo para a pastoral do prazer superar a força sedutora da droga”¹⁴¹. A melhor

¹³⁷ Ibid., p. 49-50.

¹³⁸ Ibid., p. 60.

¹³⁹ Ibid., p. 68.

¹⁴⁰ Ibid., p. 70.

¹⁴¹ Ibid., p. 71.

pastoral é pela via da prevenção. Isto implica conhecimento dos jovens, da situação em que estão inseridos, ocasiões às quais se expõem. “Supõe criatividade para inventar novas alternativas possíveis que realizem afetivamente e lhe deem sentido à vida”¹⁴².

A juventude ouvia muito e falava pouco. Agora, a juventude quer dialogar. Seu desejo é falar para a família, para a sociedade, para a Igreja. Isto se deu pelo fato da juventude ter alcançado autoconsciência; autovalorizar-se. Os jovens querem se apresentar ao mundo, expor a si mesmos e as suas ideias. E encontraram o local ideal para isto nas redes sociais. Nelas, a juventude não tem medo, não encontram repressão, podem se expor com naturalidade. Libanio propõe favorecer e promover

...o diálogo geracional, criando espaços e momentos de mútua escuta. Ora os jovens falam e os adultos escutam, sem interrompê-los; ora se inverte a jogada, e os jovens se põem a ouvir. Desse duplo jogo de fala e escuta, surgem ideias novas, projetos possíveis. No verdadeiro diálogo, ninguém entre e sai exatamente com as mesmas ideias e convicções. Ele existe precisamente para gerar um terceiro novo de ambas as partes. Só assim cresce.¹⁴³

3.2. Tendências na vida escolar, acadêmica

O mundo escolar, caracterizava-se pela transmissão de conhecimento dos professores aos alunos. Implicava hábito de leituras. Os professores passavam o conteúdo programático ao qual o aluno se esforçava em compreender. A transmissão de conhecimento se dava pela experiência dos mais velhos que transmitiam aos mais novos sua sabedoria.

Hoje, “caminha-se para um tipo de conhecimento em que o sujeito toma consciência do próprio papel ativo”¹⁴⁴. Os jovens utilizam dos conhecimentos científicos, da valorização de sua subjetividade e autonomia para questionar e até rejeitar os ensinamentos tradicionais. Os jovens são cada vez menos estudantes, interessados pelo saber teórico, pela leitura. “A grande massa se satisfaz com o simples nível de informação conseguida pela via da Internet”¹⁴⁵. Os conhecimentos necessários são obtidos através de uma pesquisa no *Google*. As instituições Igreja e escola, cederam lugar à mídia. Nesta nova realidade, são geradas quatro classes de pessoas. A primeira classe é formada pelos desenvolvedores de *softwares* e aplicativos. A segunda classe é composta pelos analistas de *softwares*, que não os produzem, mas os

¹⁴² Ibid., p. 71.

¹⁴³ Ibid., p. 76.

¹⁴⁴ Ibid., p. 80.

¹⁴⁵ Ibid., p. 81.

manipulam com eficiência. Eles gerenciam os conhecimentos elaborados pelos desenvolvedores dos programas. A terceira classe é dos que vivem dessa cultura. Apegam-se aos meios de comunicação de forma fútil. A quarta e última classe é composta pelos que não tem acesso ao mundo virtual, são excluídos. Sugestão pastoral de Libanio: “cabe à pastoral trabalhar com eles [os jovens] a arte de formar-se, nos campos do pensar, do fazer, do conviver, do ser, do amar, do discernir os valores e da lucidez crítica”¹⁴⁶. Libanio ainda afirma que “uma vez que os jovens compreendem a diferença entre comunicação e transmissão, tomarão posições matizadas sobre elas, ora acentuando uma, ora outra, conforme a necessidade”¹⁴⁷. Comunicação e informação acontecem entre indivíduos vivos, em experiência imediata, simultânea. Já transmissão se faz no percurso da história. Pelo relacionamento com culturas passadas, superando o tempo e o espaço presentes.

A leitura e escrita, que outrora fora formalmente estabelecida e aprendida, transforma-se em uma linguagem nova, abreviada, com escrita própria, a linguagem *internética*. Adota-se o uso de imagens que substituem expressões. Grafias e siglas conforme sons são criadas, substituindo a escrita literária tradicional. “Com o deslocamento de linguagem, ganha-se muito em fluidez, rapidez e concisão de informação”¹⁴⁸. A universalização da linguagem em símbolos que substituem expressões e palavras, facilita a vida, até mesmo para quem não conhece a língua do país em ambientes públicos como aeroportos, rodoviárias, trânsito, etc.

Libanio propõe a prática de seminários de leitura. Em um grupo, atribui-se a cada membro um livro de interesse. Cada indivíduo lê o livro sozinho e expõe aos outros membros o conteúdo. Exercitando, dessa maneira: leitura, compreensão do texto lido e o exercício oral de expressão. Sugere também a organização de grupos de redação, na realidade virtual, criando “num *site* um espaço de escrita literária de modo que todos criticam e são criticados depois de lançarem o texto nele”¹⁴⁹.

Os modelos de escola mudam também. A disciplina imposta pela comissão disciplinar e pedagógica tem sua função reduzida, pois os estudantes influenciam no ritmo escolar. O estímulo à vida ativa do aluno, interagindo no aprendizado, levou à sua autonomia. Isto diminuiu a força do professor enquanto formador. A solução não é a imposição normativa,

¹⁴⁶ Ibid., p. 86.

¹⁴⁷ Ibid., p. 86.

¹⁴⁸ Ibid., p. 89.

¹⁴⁹ Ibid., p. 90.

mas a transformação da realidade objetiva num processo dialético, na elaboração do conhecimento em conjunto com os jovens, motivando-lhes o engajamento nesta construção.

Em relação à disciplina em sala de aula, não cabe abdicar de exigí-la, mas fazê-la acompanhar de motivações e razões. Antes de se falar ao corpo do aluno pelo peso das normas, a palavra motivadora dirige-se-lhe ao coração, à liberdade¹⁵⁰.

3.3. Tendências nas relações comunitárias

No ambiente familiar tradicional, pais e filhos tinham o hábito do encontro cotidiano. Estavam juntos nas refeições, passeios, momentos de folga... Os pais passavam segurança a seus filhos e auxiliavam na resolução de conflitos na vida deles. O que está acontecendo neste âmbito?

Caminhamos para vida familiar de maior instabilidade matrimonial dos pais. Surgem situações estranhas em que filhos moram ora com um dos pais ora com outro, além de conviverem com os/as respectivos/as companheiros/as dos pais e com irmãos e meio-irmãos. Nem faltam casos em que as crianças se criam com avós ou são confiadas a babás. Não raro entram muito cedo em escolas maternas ou passam o dia em creches. Cresce o número das famílias monoparentais em que o filho vive só com o pai ou só com a mãe¹⁵¹.

Cada vez mais, os pais trabalham o dia todo. A educação dos filhos é terceirizada. Além das atividades escolares, ainda há diversas outras de cunho cultural e esportivo. Destarte não sobra tempo para encontros entre os membros da família. A ausência dos pais é compensada por meio de mesadas, presentes e viagens. Entretanto, muitos filhos sentem a ausência paterna, reclamam e se frustram por isso.

O fulcro do problema situa-se na família e não no jovem como tal. Trata-se então de desenvolver pastoral familiar consistente e de aproveitar da longa experiência de encontros de casais a fim de reforçar os laços no interior da família¹⁵².

A fragmentação conjugal e familiar conduz os pais, que não mais convivem com seus filhos, a deixar de lado a figura da autoridade na educação e formação de seus filhos, passando a ser amigos deles. Os pais assumem a vestimenta, a linguagem e o comportamento dos filhos. Esta mudança de hábitos auxilia na correção das dificuldades de expressão de carinho e afeto por parte dos pais. Entretanto, correm o risco de perder sua autoridade de educadores e formadores dos filhos, deixando de ser referências para eles. Pode-se observar que o problema não é diretamente com os jovens, mas com os pais.

¹⁵⁰ Ibid., p. 96.

¹⁵¹ Ibid., p. 98.

¹⁵² Ibid., p. 100.

Assim sendo, o trabalho pastoral é focalizado nos pais juntamente com os filhos.

Há dois momentos nessa pastoral. Um diretamente endereçado aos pais e outro a encontros entre pais e filhos. Ambas as atividades merecem cuidado próprio e diferenciado. Os pais devem ser questionados e confrontados com as motivações que os conduzem a agir desse modo. Rever a postura e acertar o passo.¹⁵³

Os jovens anteriormente viviam com o ideal de deixar a casa paterna e trilhar rumo à construção de sua família o quanto antes. Agora, passam a permanecer mais tempo na casa dos pais, mesmo que possuam autonomia financeira. A dependência familiar é utilitarista, financeira. Permanecem na casa dos pais e deles recebem o custeio de seus estudos, a comodidade de ter tudo o que necessitam dos pais: “na expressão popular, em casa tem cama, comida e roupa lavada”¹⁵⁴. Rejeitam todo vínculo familiar que interfira em sua intimidade, sobretudo no que tange à sua vida sexual. Conjugam as relações familiares com os pais entre morar na casa de seus genitores e, em troca, ter total liberdade de conduta fora e até mesmo dentro de casa com companheiros/as. Como consequências vêm os descompromissos com a vida. Por que casar-se e assumir um compromisso de viabilizar o sustento de ambos e de possíveis filhos, se na casa dos pais não tem essa responsabilidade? Não acreditam no matrimônio como vínculo definitivo. “Os vínculos matrimoniais dissolvem-se. E tal sensibilidade de fluidez atinge também aqueles/as que se consagram na vida religiosa pelos votos perpétuos ou prometeram viver o celibato clerical. Sem muitas delongas, abandonam tais vocações”¹⁵⁵. Como solução, Libanio assinala o fortalecimento dos vínculos reais:

Urge pensar uma pedagogia do vínculo, que equilibre liberdade e limite. O vínculo pertence aos elementos básicos da condição humana. Desprezá-lo desumaniza. Ele existe precisamente para que os seres humanos vivam em sociedade, em comunidade, em família, e não na solidão solipsista do eu.¹⁵⁶

Pertencia ao horizonte do jovem de outrora a constituição de família de forma estável. “A relação matrimonial implicava dois elementos fundamentais: relação mútua de amor, de ajuda entre os esposos, até que a morte os separasse, e a procriação, educação dos filhos que viessem”¹⁵⁷. Entretanto, as relações matrimoniais atuais existem até que haja amor entre as partes. Enquanto eles se satisfazem mutuamente há o amor. Quando algum não está mais satisfeito, acabou também a relação matrimonial. Os filhos que eram desejados passam a ser evitados ao máximo pois, estão no fim da lista de prioridades de interesses dos casais. Antes

¹⁵³ Ibid., p. 108.

¹⁵⁴ Ibid., p. 110.

¹⁵⁵ Ibid., p. 113.

¹⁵⁶ Ibid., p. 114.

¹⁵⁷ Ibid., p. 115.

da concepção dos filhos, que é programada, levam-se em consideração as possibilidades econômicas, a disponibilidade de habitação, a vida profissional já assegurada, os estudos terminados, as viagens sem filhos. Somente depois de ponderado tudo isso é se passa a programar a vinda de filhos.

Como sugestão, Libanio alude novamente à pastoral familiar. Grande parte dos problemas que afetam os jovens vêm da família. Para ele, “cabe repensar pastoralmente os cursos de noivos das paróquias”¹⁵⁸. Propõe que os cursos sejam ministrados por profissionais competentes, com maior frequência, em menos lugares.

Na vida profissional, era normal que a escola e a família assegurassem o necessário para levar o jovem ao mundo do trabalho. Entretanto, atualmente, mesmo com o aumento da escolaridade, ainda que precário, as classes mais pobres são diretamente afetadas pela insuficiência do ensino e formação profissional. Consequentemente sua inserção no mercado de trabalho será cada vez mais protelada. Libanio propõe a realização, em grupos pequenos, de seminários de leitura, pesquisas, debates de temas relevantes. Estas iniciativas, além de suplementar o campo intelectual, serviriam como local de contato pastoral com os jovens.

A convivência interpessoal cede lugar à busca de grupos, agremiações com as mesmas convicções ideológicas. Os encontros reais passam a ser virtuais, em redes sociais. As comunidades virtuais agremiam diversos jovens de diferentes localidades. As páginas das redes sociais são agora os locais para os encontros que eram pessoais. Nessas vivências virtuais, pode assumir qualquer identidade ainda que não seja a sua real. Assim o leque de relacionamentos aumenta estrondosamente. Dentre os perfis do Facebook não é raro encontrar pessoas com milhares de “amigos” que não se conhecem pessoalmente. O abandono do relacionamento presencial desumaniza. Urge a presença pastoral na realidade virtual. Nesse meio há inúmeras possibilidades de comunicação que atingem com facilidade e eficiência os jovens. A utilização desses mecanismos não eliminam a presença efetiva real, mas constituem um complemento pastoral.

A única saída pastoral consiste em conjugar, articular essa dupla presença de tal maneira que uma peça a outra e nenhuma se fixe na sua única forma. A nova pastoral da juventude conta com maravilhoso potencial da tecnologia de comunicação. Carece desenvolver uma pedagogia e ética da informática... Cabe levar os jovens a passarem do nível de informação à práxis. Importa graduar valores nas informações.¹⁵⁹

¹⁵⁸ Ibid., p. 119.

¹⁵⁹ Ibid., p. 137.

3.4. Tendências no mundo cultural

A consciência ética e utópica gerou forte impacto na formação dos jovens de algumas décadas atrás. Com o advento da pós-modernidade, outra mentalidade é formada na juventude, a de viver o presente, sem se preocupar com um futuro que não se sabe se virá. O que importa é a vivência do gozo presente. A soberania das instituições e das pessoas mais experientes que transmitiam os valores, perdem terreno pela conquista da autonomia, da liberdade pessoal que quer a auto-realização e satisfação do prazer momentâneo.

Libanio sugere a redescoberta da dimensão do ócio como momento de descanso para louvar a Deus, oportunidade de “encontro com as pessoas, de convivência, de efusão afetiva entre amigos, de silêncio contemplativo, de encontro com a própria profundidade e com Deus”¹⁶⁰.

As certezas que eram impostas pela família, ciência, escola, Igreja, são substituídas pela relativização destas verdades. Ao viverem a fase explorativa de sua idade, os jovens passaram pela experiência da descoberta de “novas veracidades” que lhes eram ocultas. A verdade e a ética são deslocadas para a estética e para o emocional. Da inteligência racional passa-se ao emocional. Os exercícios de piedade cedem lugar às academias de malhação.

Que alternativas se apresentam então? “O caminho da pastoral consiste em reatar o contato com a corrente de pensamento em que a beleza não se separa nem se opõe aos valores da verdade e do bem. Antes se integram e fundam-se no mesmo Deus”¹⁶¹.

O mundo natural é substituído pelo mundo tecnológico. A juventude que antes tinha aspecto predominantemente rural, em contato com a natureza, agora tem feição urbana, em contato com o mundo virtual. Deixa de lado a experiência da proximidade com Deus nos fenômenos naturais, passando a ter contato com as grandes inovações tecnológicas. A natureza, que era ambiente também de lazer, cede lugar ao ambiente eletrônico virtual. Os sons naturais perdem espaço ante às músicas eletrônicas, aos batidões e aos ruídos da congestionada vida urbana.

¹⁶⁰ Ibid., p. 147.

¹⁶¹ Ibid., p. 163.

Libanio propõe como orientação pastoral a educação ecológica como tarefa fundamental para a continuidade da vida. “A esperança se funda na nova geração que tem sensibilidade para a ecologia e se tornará vítima do modelo que a destrói no momento”¹⁶²

Os jovens que procuravam a formação de caráter e personalidade passam por transformações que os conduzem para a fragmentação de consciência. Aliando este fator ao êxodo rural, os jovens se encontram em situações de carência, pobreza e marginalização da sociedade. Assim, tornam-se alvos de violência, drogas e criminalidade. O tráfico e o crime organizado oferecem acesso ao dinheiro com certa facilidade. Por estarem em situação de dificuldade e por terem características de busca momentânea de prazer, o dinheiro lhes cai bem.

Libanio sugere, como solução: “trabalhar nesse meio implica riscos iguais aos que sofrem os que nele estão. Daí a dificuldade de organizar a pastoral a não ser providenciando locais de recuperação para drogados e criminosos”¹⁶³. Deve-se envolver crianças e jovens em atividades lúdicas, culturais. Para isso é necessário também que haja esforço em conjunto com políticas públicas. O que está em jogo é a valorização da vida dos jovens e da sociedade.

3.5. Tendências no mundo religioso

Na sociedade e na família era comum a vivência religiosa tradicional, com práticas piedosas e cultuais. A religião possibilitava segurança, paz e os referência para a vida em harmonia. A sociedade moderna passa por um processo lento e crescente de secularização. Os templos antes localizavam-se no centro das praças; agora sua presença é perdida entre arranha-céus, diminuindo a “visibilidade religiosa”¹⁶⁴. Aos poucos, as práticas religiosas se tornam mais escassas. Para o jovem pós-moderno, a crença lhe serve enquanto lhe traz alguma experiência gratificante. Não interessa tanto a ligação com o transcendente, mas as experiências existenciais presentes. Há ainda muitos jovens que conservam a religiosidade tradicional de forma pura e tranquila em suas vidas¹⁶⁵.

Como solução pastoral, Libanio conduz o jovem a se localizar no trajeto entre os pontos de partida e chegada. Para cada situação a pastoral assume características próprias. Além disso, é importante distinguir religião, religiosidade e fé:

A religião liga o ser humano com o divino por meio de ritos, práticas, doutrinas, constituições, organizações, tradições mitos, etc. Mostra o lado

¹⁶² Ibid., p. 167.

¹⁶³ Ibid., p. 181.

¹⁶⁴ Ibid., p. 183.

¹⁶⁵ Ibid., p. 186.

visível da relação com o Sagrado. Tradição e comunidade a prolongam pela história. A religiosidade, por sua vez, aproxima-se do sentimento religioso, satisfaz à necessidade afetiva pessoal de estar ligado com o mistério, o divino, o transcendente, que pode tanto ser uma pessoa ou energia ou algo vago. Manifesta-se em efusões afetivas, buscas sensações e emoções. Não segue necessariamente uma religião, antes, assume dela os elementos que a satisfazem. Ela define-se como uma percepção da presença do sagrado por parte do sujeito que a faz. A fé, enfim, significa resposta pessoal à Palavra revelada que pede adesão, conversão e atuar segundo suas exigências¹⁶⁶.

Implica esclarecer junto aos jovens se eles se comprometem com uma religião, ou querem somente experiências de religiosidade. Ou ainda se estão dispostos a aderir à fé cristã com suas consequências. Após esta etapa de identificação do jovem na tendência, aprofunda-se no processo de evangelização e experiência de fé.

A visão que se tinha de um Deus distante, transcendente, supremo juiz, cede espaço ao que o filósofo L. Ferry denominou “transcendência na imanência”¹⁶⁷, que se encontra na consciência humana. Vêm da dentro da pessoa. Outra posição foi proposta por Rahner, na qual a imanência é criada pela Transcendência. “Primeiro existe a Transcendência, que se comunica criando e chamando os seres humanos à comunhão de amor com ela”¹⁶⁸. A terceira tendência consiste em interpretar a Transcendência como um deus panteísta, energia, princípio cósmico. Por último, para a quarta tendência, a Transcendência é radicalizada na unicidade da pessoa divina. “As tradições judaica e islâmica não aceitam a leitura de Deus feita por Jesus e elaboradas na corrente cristã”¹⁶⁹.

Diante destas formas distintas de interpretação da Transcendência de Deus encontra-se a juventude atual, direcionando-se ora mais para uma tendência, ora saltitando entre elas. Por esta mudança de paradigma, houve ganhos espirituais: “valorizaram-se as dimensões da afetividade, o aspecto existencial da vivência ganhou relevo, e promoveram-se experiências comunitárias religiosas”¹⁷⁰. Contudo, corre-se o risco de banalizar e reduzir a Transcendência, comprometendo com isso o sentido da vida humana.

Os jovens carecem de balizas para situarem-se no meio a tantas propostas sobre Deus. Num primeiro momento, importa lhes mostrar os riscos dos dois extremos. Por um lado pode afastar o jovem demasiado da realidade e posta-o em face de um Deus juiz severo e, por outro lado, cair na banalização do mistério, barganhando com Deus por meio de orações e

¹⁶⁶ Ibid., p. 188.

¹⁶⁷ Ibid., p. 192.

¹⁶⁸ Ibid., p. 193.

¹⁶⁹ Ibid., p. 193.

¹⁷⁰ Ibid., p. 195.

promessas. “Entre esses extremos, cumpre educar os jovens a descobrir Deus presente na vida, na história, nas realidades, nos momentos de alegria e tristeza, de festa ou luto”¹⁷¹.

Os engajamentos pastorais juvenis cedem lugar a grupos, pastorais e movimentos jovens, que apresentam à juventude “experiências novas, momentos quentes de massa e de vida”¹⁷². Facilita para os jovens que querem experiências religiosas momentâneas. Estes novos movimentos, comunidades e grupos agradam à maioria dos jovens, em seus mais diversos anseios. O senso de pertença na Igreja está diretamente relacionado à abertura que a Igreja tem em acolher estes jovens.

Com sugestão pastoral, Libanio alerta que “não há pastoral da juventude possível nos dias de hoje sem levar seriamente em consideração tantos os novos movimentos eclesiais quanto a necessidade de apelos emocionais”¹⁷³.

A inconstância típica da juventude pós-moderna traz à tona uma questão séria para a vida da Igreja: a continuidade de seus líderes. A saída de um instituto religioso ou seminário era marcada com certo grau de culpabilidade. O abandono à Congregação, por parte de um consagrado com votos perpétuos, era configurado como pecado mortal¹⁷⁴. Como pensar em votos perpétuos, em ordenações? Como falar com estes jovens, então, sobre receber o Sacramento da Ordem, ou professar solenemente os conselhos evangélicos de Castidade, Pobreza e Obediência? Aliado à inconstância juvenil está a questão da desculpabilização das saídas de religiosos das Congregações.

Como sugestão pastoral, Libanio apresenta a necessidade de maior acompanhamento vocacional para evitar entradas súbitas nos seminários e noviciados. Impõem-se pastoral vocacional esclarecida, com discernimento das motivações dos jovens que querem abraçar a vida religiosa/sacerdotal. “A única motivação coerente se baseia na experiência fundante de Deus”¹⁷⁵.

No campo litúrgico, assumem-se ritmos e danças populares como samba, rock, forró, axé. Essa versatilidade da música aproxima os jovens da Igreja, acentuando a alegria e ludicidade em momentos celebrativos. “Abre-se verdadeiro campo para a pastoral ou ministério

¹⁷¹ Ibid., p. 196.

¹⁷² Ibid., p. 203.

¹⁷³ Ibid., p. 204.

¹⁷⁴ Em uma aula, Murad, apresentou um caso não raro de se encontrar entre jovens, inclusive dentro dos seminários e casas de formação, que não têm projetos de vida para seus próximos seis meses.

¹⁷⁵ Ibid., p. 214.

da música no meio jovem. A festa caracteriza a juventude pós-moderna”¹⁷⁶. Algumas experiências têm sido realizadas em diversas cidades com as “crisotecas”. “Mesclam momentos de aeróbica, forró, axé, danças, baladas, sem faltar momentos espirituais. Assim se afastam de outros ambientes carregados de drogas, sexo, prostituição”¹⁷⁷

3.6. Tendências na sociedade e política

Enquanto pertencia ao meio rural, a juventude era marcada por estabilidade e continuidade, ainda que com poucos horizontes e recursos. Com a industrialização, veio a mobilidade e também a instabilidade. Na pós-modernidade, o poder econômico concentra-se na produção de conhecimento e na comunicação. As grandes empresas não são mais aquelas possuidoras de grandes galpões produtivos, mas as que produzem informações e tecnologias de ponta. Valoriza-se o profissional que tem capacidades e conhecimentos para criar programas e aplicativos. A medicina, engenharia, arquitetura, gestão, dentre outras áreas, são geridas pelos sistemas de informática. Detém o domínio na economia e política, quem detém o conhecimento e a informação.

Libanio propõe o favorecimento da criatividade e dos exercícios de linguagem. Sugere atividades que desenvolvem nos jovens talentos literários, assistidos e orientados por alguém competente na linguagem, como “o teatro, o exercício de contar estórias, a declamação de poesia ou de peças de oratória, a conversa em grupo”¹⁷⁸

A juventude moderna caracterizava-se pela crítica à realidade social. Entretanto, os jovens da pós-modernidade deslocam seu interesse crítico para o desejável sucesso no mercado de trabalho, especializando-se em algum ramo. Focam em ganhar dinheiro. Não têm compromisso com pessoa ou instituição. Esquecem a dimensão social da realidade. Vigora a frieza do egocentrismo.

Neste contexto, Libanio propõe um seminário de leitura de obras de Paulo Freire, interpondo aos jovens três tipos de perguntas: “Uma que diga respeito à intelecção do conteúdo; Outra sobre o significado daquele conteúdo para sua existência pessoal; E uma terceira sobre que prática concreta a leitura e o estudo sugerem”¹⁷⁹.

¹⁷⁶ Ibid., p. 217.

¹⁷⁷ Ibid., p. 218.

¹⁷⁸ Ibid., p. 225.

¹⁷⁹ Ibid., p. 229.

As novas formas juvenis tomam, cada vez mais, distância da politização que outrora reinara em seu mundo. Relacionam-se mais aos impulsos midiáticos do que aos acontecimentos políticos. Preocupam-se mais com festas do que com engajamentos sociais. Libanio cita o caso dos “caras pintadas” diante do *impeachment* contra o presidente Collor. Em entrevistas, os jovens revelam suas motivações de ir às passeatas: “aparecer na TV, sair com namorado, divertir-se, mostrar raiva de Collor, curiosidade, acompanhar amigos, estímulo da TV, programa diferente¹⁸⁰”.

Como sugestão pastoral, Libanio alerta para a necessidade de

descobrir com propostas concretas e viáveis o espaço entre o seu desejo de participação e a falta de confiança nas formas atuais de compromisso e disposição. Significa criar novas formas participativas nos diversos níveis de Igreja, da sociedade civil, da política, da escola e universidade. Cabe pensar a pastoral da solidariedade como prioritária na pastora da juventude¹⁸¹.

Os jovens engajados socialmente apresentavam certo desleixo com seu visual. A perspectiva mudou radicalmente. A juventude ocupa-se com o cultivo de seu corpo. Busca incessantemente a auto-realização, baseada na aparência. Os jovens frequentam cada vez mais academias e institutos de beleza.

A pastoral da juventude encontra-se diante das duas faces do culto do corpo. A gigantesca parafernália que a sociedade pós-moderna inventou para cultivá-lo, a ponto de sacrificar, em benefício dele, valores éticos: respeito e cuidado para com os deficientes, precedência das qualidades morais e espirituais em relação às físicas, limites econômicos e de tempo no culto ao corpo, não usar a beleza como sedução por cima da dignidade da pessoa e outros valores éticos.¹⁸²

Como sugestão pastoral, Libanio utiliza do fundamento teológico de São Paulo ao considerar o corpo do ser humano como templo do Espírito Santo. Compete-lhe o zelo para com este *templo* sem “sacrificar os valores éticos: respeito e cuidado para com os deficientes, precedência das qualidades morais e espirituais em relação às físicas”¹⁸³. Este cuidado é referente ao corpo e mente, tendo como meta a santidade.

¹⁸⁰ Ibid., p. 231.

¹⁸¹ Ibid., p. 234.

¹⁸² Ibid., p. 238.

¹⁸³ Ibid., p. 238.

3.7. Conclusão do capítulo

Ao apontar tendências para as juventudes, Libanio não quer dizer que todos os jovens estão chegando ao marco final desta tendência, mas que colocam-se em um movimento entre os dois pontos, inicial e final.

É urgente na Igreja, no que se refere ao trabalho com a juventude, estabelecer o trajeto de educação dos jovens na fé. Não mais como a Pastoral da Juventude na década de 1980, que privilegiava a militância no engajamento político e social. A atualidade exige, para o jovem, novo itinerário de vivência eclesial, comunitária e cidadã. As propostas compreendem um processo com início, meio e fim. A experiência religiosa deve levar à fé. A missão dos que trabalham com as juventudes, consiste em ajudar os jovens a encontrar um caminho que os leve à relação com Deus de maneira mais profunda.

Para se trabalhar com juventude, não basta ter boa vontade ou colocar o membro mais jovem da comunidade religiosa para acompanhar os outros jovens. É importante lembrar que mesmo sendo um seminarista ou religioso/a ele/a também é jovem e tem suas questões a resolver. Que seja alguém sobretudo conhecedor, que compreenda a realidade juvenil. A pastoral inteligente e atualizada favorece o diálogo e cria espaços de mútua escuta. A pastoral que proposta por Libanio é “com” e “para” os jovens. A eficácia pastoral consiste em elaborar projetos com os jovens. Para que eles se sintam capazes e com o poder de transformar a realidade que os circunda. Que os jovens se sintam autores dos projetos, e não meros espectadores.

Libanio sugere a pedagogia de formar comunidade a partir de pequenos grupos. A Igreja tem que ser pioneira na oferta de projetos de pequenas comunidades. De experiências existenciais de pequenas comunidades. Na atual crise de sentido, a pastoral da transcendência com os jovens permite articular os pequenos sentidos do cotidiano com os sentidos maiores, até chegar ao grande sentido de Deus.

É preciso falar uma linguagem jovem. Utilizar, nos processos da pastoral da juventude, pedagogicamente com maturidade e consciência de imagens, vídeos, clips, etc. mas que sejam direcionados a entrar no mundo do jovem. A experiência passa pelo corpo, pelo sensorial: sentir, cheirar, tocar.

Quando a juventude procura a Igreja é porque quer encontrar nela algo a mais do que lhe é proporcionado fora da Igreja. A Igreja como um meio de educação e de socialização, tem que levar algo a mais para a juventude.

Enorme é o desafio de auxiliar e motivar os jovens a construir seu projeto de vida, levando-o a “tornar-se os primeiros e imediatos apóstolos dos jovens, realizando o apostolado no meio deles e através deles, levando em conta o ambiente social em que vivem” (AA, 12). E isto respeitando que cada jovem mesmo trace seus objetivos a serem alcançados, considerando ainda as condições individuais. “A pastoral da juventude permanece o calcanhar-de-aquiles das paróquias e das dioceses... Sem juventude, a Igreja não tem futuro!”¹⁸⁴

¹⁸⁴ LIBANIO. *Juventude, seu tempo é agora*. São Paulo: Ave-Maria, 2008. p. 10.

Conclusão Geral

Na perspectiva da Teologia da Libertação, que Libanio tem consigo desde que começou seu trabalho teológico-pastoral ao retornar ao Brasil, possui a consciência de que não adianta tentar uma evangelização a partir dos conhecimentos teológicos. O primeiro passo é conhecer o jovem. Ver o jovem em sua realidade. Quais as dificuldades, os questionamentos que a juventude possui? Diante das questões que os jovens trazem em si, como compreender, cuidar, amar a juventude? É importante levar os jovens a compreender que a Igreja se interessa pela juventude, onde ela está. Libanio tem consigo o modelo de Jesus histórico, que acolheu a mulher pega em adultério, não a condenando, mas a conduzindo ao caminho da paz; ou o jovem que seguia todos os mandamentos ao qual Jesus pede que abandone tudo para segui-lo. A cada um foi proposto um passo à frente. Libanio ensina em sua pastoral com a juventude, a dar mais um passo no caminho do Reino. Partir de onde a pessoa está e pedir um passo para frente. Não pode acomodar-se.

Em sua obra focada na pastoral com a juventude, Libanio diz ser sua intenção apenas apresentar alguns métodos, maneiras, tendências de agir pastoralmente. Não é seu interesse principal nem a psicologia nem a sociologia do jovem. Ele navega com facilidade tanto pela psicologia como pela sociologia juvenil. Pode-se ver que ele traça um retrato fiel da juventude de hoje. Na palestra *Tendências para a juventude e a catequese* ele fala sobre seu livro *Para onde vai a juventude?* que, ao passar esta obra para professoras da cidade de Vespasiano, tem delas a confirmação de que as tendências são verossímeis. Desde a juventude das classes sociais mais altas até os jovens mais pobres.

Descreve a situação do jovem antes e pós-guerra com suas dificuldades de vida. Eles se formaram: jovens fortes, conscientes, amadurecidos. Eles seguem por algum tempo, até a década de 1970, com pés no chão, devido às responsabilidades. Grande parte dos jovens passavam dificuldades. Deviam, com seu esforço e trabalho, ajudar os pais na manutenção da casa. Uma sociedade que levava os jovens a amadurecer antes do tempo, completamente diferente da sociedade pós-moderna da atualidade. Nas décadas de 1960 e 1970, vê-se o jovem futurista, fundado na utopia¹⁸⁵. Viviam mais o futuro do que o presente. Isso, durante o regime militar no Brasil, levou muitos a serem presos, torturados e morrerem. Mudou-se o aspecto da juventude. Passando para o jovem que olha para o futuro, pensa o futuro, pensa nas coisas que

¹⁸⁵ Utopia, do grego, a junção de “topos” = lugar e “u”= não. Uma realidade que ainda não existe. É boa, possível, que move a agir em função a ela.

hãõ de vir. É interessante salientar que o jovem antes da década de 1970 focava mais a família. Eram mais devotos. Sempre com o olhar para um futuro, para as recompensas eternas. O jovem das décadas de 1960 e 1970, conforme ele descreve, olha para o futuro. Trabalha voltado sempre para o futuro.

Passamos para a idade do jovem pós-moderno, com todos os meios, com tudo que a vida e a sociedade pode oferecer. O primeiro aspecto consiste em crescer amparado, privilegiado, tendo tudo no presente e tudo de presente. Os próprios pais, vendo o que passaram nas décadas passadas, querem proporcionar aos filhos uma vida diferente daquela que eles viveram. O jovem recebe tudo. A classe mais alta principalmente. Os jovens recebem tudo praticamente de graça. Por isso demoram mais para amadurecer. Houve uma mudança brusca na sociedade. As pessoas mais maduras querem voltar a ser jovem. Eles se esforçam em malhação, ginástica, plásticas, para ter um corpo jovem. E os mais velhos, mais maduros se gloriam de ter um corpo jovial, uma mentalidade juvenil. Diante disso, o jovem na pós-modernidade, ao ver que os mais velhos se esforçam para ser jovens, passam a querer não envelhecer também. Querem viver simplesmente o presente. Para eles a instituição não conta. Família não é tanto, a não ser para negociar. Ele aceita ficar em casa, morar com os pais a troco dos pais não interferirem na vida deles. Geralmente eles procuram grupos. Estão mais bem com os grupos do que com a família. Os pais são para servir. Para prover o que ele necessita, em tudo. E prover rápido.

Ao contrário dos jovens das décadas de 1960 e 1970, os jovens são muito bem cuidados fisicamente. Têm saúde plena, com todos os confortos. Entretanto, cada vez mais se vê os jovens menos amadurecidos, mais inconscientes, rebeldes e menos responsáveis. O importante para a juventude de hoje é viver o presente. Essa irresponsabilidade, segundo Libanio leva a uma imaturidade, uma fragilidade tal que os matrimônios não duram porque eles são constituídos sem pensar na responsabilidade. Enquanto que nas décadas passadas, quando os jovens pensavam o namoro como preparo para uma responsabilidade séria, maior que seria o casamento.

Nas décadas pós-moderna, eles mudam o até o nome de namoro para “ficar”. Ficar quer dizer que o outro passa. Ele não quer assumir nada de sério, nada de responsabilidade, nada que o prenda, nada que o oprima. Esse ficar pode fazer de tudo, pode praticar tudo sem a responsabilidade do compromisso. O que importa é viver o presente, desconsiderando o passado e não visando o futuro. Por isso há tanto o fracasso nos matrimônios, quanto o fracasso

daqueles que abraçam a vida sacerdotal ou religiosa. Como pensar para os jovens de hoje a indissolubilidade do matrimônio ou da Ordem? Ou ainda os votos perpétuos?

Eles não têm consistência porque a psicologia, o estado do próprio jovem dessa pós-modernidade o leva a não assumir uma responsabilidade séria, com pensamentos de segurança para um futuro ou mesmo deixar história. Um dos aspectos que Libanio aborda com muita felicidade é o fato do jovem pós-moderno não ter ligação. Ele não procura história, ele não quer saber da história. Ele não se importa com aquilo que ele vai deixar. Porque ele quer viver simplesmente todo o prazer do momento. Não tem hora, não tem dia, é agora. Tudo o que ele pode usufruir dos outros e de tudo agora.

Libanio aborda o aspecto de não aceitar a instituição. Ele cria seu deus para si próprio. E não quer saber da instituição Igreja ou mesmo o Estado. Muitos jovens são a favor da pena de morte, porque pelo menos livra dos medos que eles, assim como todos, passam nessa sua caminhada da juventude.

Para onde vamos conduzir os nossos jovens de hoje? Se os mais velhos hoje estão se tornando imaturos ou vivem imaturos, o que os jovens de hoje tem para dar? O que o jovem de hoje tem a produzir? O que ele pode fazer se a história ficou para trás e aqueles que hoje são os que guiam, dirigem não têm aquela segurança de mostrar se os fatos que vêm, são contrários aquilo que deveria ser. Se os velhos estão querendo ficar novos, voltar a ser jovem, eles então pensam que o que está certo é o hoje deles, é o aqui e o agora.

Libanio oferece diversos exemplos e técnicas para conduzir os jovens pós-modernos. Olhando a análise crítica da situação atual, encontrar o que pode ser feito, para que os agentes pastorais juvenis auxiliem juventude a chegar ao amadurecimento. Um ponto fundamental para auxílio na condução dos jovens está justamente na educação da juventude que deve ser conjunta entre família, sociedade, escola, Igreja.

Juventude é tempo de educação. Esta se constrói no duplo movimento de oferta e descoberta. Oferece-se de fora. Aí estão os espaços privilegiados para esse encontro do jovem com a tradição. Paulo Freire na linha socrática insiste na riqueza já existente anteriormente no educando. Toca ao educador fazer, como maieuta – parteiro –, nascer essa criança dormindo no interior de cada pessoa. A PJ consegue conjugar essa dupla função de quem comunica e de quem desperta. Transmite para o jovem enormes riquezas da tradição eclesial e dispõe de experiência pedagógica acumulada pelas pastorais, especialmente pelas antigas JEC, JOC e JUC, suficiente para levar o jovem ao tríplice

movimento do ver, julgar e agir. E nesse processo ele descobre sua própria capacidade analítica (ver), crítica (julgar) e criativa (agir).¹⁸⁶

A maior parte de seu livro *Para onde vai a juventude?* contém exemplos que podem ser aplicados na prática pastoral para chegar a um futuro melhor para os jovens. Observando a análise crítica e as sugestões pastorais, ele aconselha e orienta os educadores e agentes de pastoral para conduzir esta juventude. Ele oferece algumas diretrizes e algumas dinâmicas para trabalhar com a juventude. Ele não deixa nada acabado, não dá nenhuma resposta ou conclusão. Os problemas são colocados aos próprios jovens, para que eles descubram o que deve e o que pode ser feito, é um processo “com”. Não há uma fórmula que responda a todas as questões de forma generalizada. Isso se deve ao fato de que as juventudes têm diversas faces, com características e realidades diferentes de juventudes. Por isso o tema desta pesquisa *Juventudes e evangelização*. Não há uma fórmula comum. A juventude rural por exemplo, que hoje é rara pois os jovens podem até morar na zona rural, mas estudam nas cidades, têm mentalidades pós-modernas, possuem os mesmos mecanismos de comunicação como *Facebook*, *Whatsapp* e outras ferramentas e redes sociais. Eles estão conectados, estão dentro da pós-modernidade. Libanio, como um bom jesuíta, diz que um método eficaz de evangelização da juventude é prática dos Exercícios Espirituais Inacianos. Mas quantos jovens têm acesso ou querem? Aos que estão dentro, os Exercícios levam ao passo seguinte no processo de evangelização. Aos que ainda não têm a mesma bagagem, antes é necessário um trabalho prévio de introdução à fé. Os Exercícios Espirituais são para aqueles que têm um mínimo de senso de pertença à fé católica, mas e os que não têm essa pertença – e diga-se de passagem, são a maioria dos jovens hoje? Eles, por não estarem ligados à instituição Igreja, não são atingidos pelos Exercícios Espirituais. A escola é laica, e cada vez mais laicizada. O Estado, a família estão laicizando cada vez mais.

O método de Libanio para produzir a teologia da pastoral juvenil de Libanio é “com/para” jovens. A descoberta das respostas são dos próprios jovens. Uma sugestão de Libanio, por exemplo é para o professor, quando lança um tema ou uma palavra e deixa os jovens trabalhando este tema, procurando soluções. A resposta não é formulada pelo Libanio. Ele detecta o problema, a dificuldade. A descoberta deve ser dos jovens. Eles devem encontrar a fé, aceitar a Igreja e o que ela ensina. As reflexões que Libanio apresenta em seus escritos, não são para serem simplesmente lidas e sim trabalhadas pelos jovens, juntamente com seus interlocutores.

¹⁸⁶ Libanio. *Jovens em tempo de pós-modernidade*. op. cit. p. 238.

Libanio termina sua obra *Para onde vai a juventude?* citando o Primeiro Livro dos Reis “Levanta-te, come, pois longo caminho te toca percorrer” (1Rs 19,7). Realmente o trabalho junto à juventude além de árduo é longo. Muito ainda há que ser trilhado por todos os peregrinos, seguidores do Jesus histórico, humano e acolhedor, rumo ao Reino do Pai.

Oferecendo um panorama amplo das juventudes, Libanio sugere que haja “confronto com a realidade para ser verificado, ampliado, eventualmente matizado ou corrigido”, na linguagem de Libanio, haja nova heurística da realidade juvenil e redescubra os métodos de evangelização das juventudes. Como “Dinâmica” ele sugere:

Para refletir: escolha uma tendência. Enumere os elementos positivos e significativos da tendência escolhida. Indique-lhe os principais aspectos negativos e prejudiciais para os jovens. Como você vê nela seu próprio retrato? Como você prevê o seu desenvolvimento? Aponte alguma sugestão pastoral para manter o aspecto positivo, superar o negativo e avançar para algo novo¹⁸⁷.

A juventude é sinal da sociedade, ou como Libanio escreveu, é “Sacramento da sociedade”¹⁸⁸. A atualização da compreensão da sociedade, que tem mudado rapidamente, leva a mudança do contexto juvenil. Cabe ao agente pastoral que atua com os jovens, atenção às mudanças sociais, para acompanhar com eficácia as necessidades juvenis, conduzindo-os no seguimento a Jesus Cristo. A interpretação heurística dos caminhos dos jovens continua... A missão continua...

¹⁸⁷ Ibid., p. 251.

¹⁸⁸ LIBANIO, J. B. *Juventude, seu tempo é agora*. São Paulo: Ave-Maria, 2008, p. 11.

Referências

Principal

CONFERÊNCIA EPISCOPAL LATINO AMERICANA. Documento de Puebla. São Paulo: Loyola, 1982.

CONFERÊNCIA NACIONAL DOS BISPOS DO BRASIL. *Evangelização da juventude: desafios e perspectivas pastorais*. Brasília: CNBB, 2007. (Documento 85).

_____. *Diretrizes gerais da ação evangelizadora na Igreja: 2011-2015*. 3. ed. Brasília: CNBB, 2011.

LIBANIO, João Batista. *O mundo dos jovens: reflexões teológico-pastorais sobre os movimentos de juventude da Igreja*. São Paulo: Loyola, 1978. (Teologia e Evangelização, III).

_____. *Jovens em tempo de pós-modernidade: considerações socioculturais e pastorais*. São Paulo, Loyola, 2004. (Humanística, 9).

_____. *Para onde vai a juventude?: reflexões pastorais*. São Paulo: Paulus, 2011.

Secundária

BORAN, Jorge. *Juventude, o grande desafio*. 2. ed. São Paulo: Edições Paulinas, 1982.

_____. *O futuro tem nome: juventude: sugestões práticas para trabalhar com jovens*. São Paulo: Paulinas, 1994. (Igreja dinâmica).

DICK, Hilário. *O divino no jovem: elementos teológicos para a evangelização da cultura juvenil*. São Paulo: CCJ – Centro de Capacitação da Juventude, 2009.

LIBANIO, João Batista. *Juventude, seu tempo é agora*. São Paulo: Ave-Maria, 2008.

_____. Acolhi a vida como dom. *IHU on Line*, São Leopoldo, v.12, n.394, p. 7-12, 28 maio 2012. Entrevista concedida por e-mail à Graziela Wolfart e Luis Carlos Dalla Rosa.

_____. *A ética do cotidiano: obra póstuma do teólogo João Batista Libanio*. São Paulo: Paulinas, 2015. (Coleção nuvem de testemunhas).

MURAD, A. Libanio, o teólogo que pensou sobre/com a juventude. *Atualidade Teológica*, Rio de Janeiro, v. 48, p. 590-608, set./dez. 2014.

Complementar

BAUMAN, Z. *Modernidade líquida*. Rio de Janeiro: Zahar, 2003.

BOFF, L. *A águia e a galinha: uma metáfora da condição humana*. Petrópolis: Vozes, 2014

BOURDIEU, P. "Juventude" é apenas uma palavra. In: *Questões de sociologia*. Rio de Janeiro: Marco Zero, 1983.

BORELLI, S. H. S.; FILHO, J. F. (Org.). *Culturas juvenis no século XXI*. São Paulo: Educ, 2008.

CARDOSO, M. *Dopamina*. Disponível em: <<http://www.infoescola.com/bioquimica/dopamina/>>. Acesso em: 12/04/2016.

CARDOZO, C. E. M. Fé em Deus, pé na tábua – pertença religiosa e participação social das juventudes. In: OLIVEIRA, T. R.; GONTIJO, C. R. B.; CASTRO, C. L. F.; (Orgs). *Políticas Públicas de Juventudes: contextos, percepções e desafios da prática*. Barbacena: EdUEMG, 2010. p.75-96.

_____. Ó pátria amada, salve, salve: reflexões sobre nação, identidade nacional e juventude brasileira. Revista Eletrônica Discente História.Com. Universidade Federal do Recôncavo da Bahia. Ano I, n.1. 2013. Disponível em: <[http://www.ufrb.edu.br/seer/index/php/historiacom/article/download/2-12-1-PB%20\(1\).pdf](http://www.ufrb.edu.br/seer/index/php/historiacom/article/download/2-12-1-PB%20(1).pdf)>. Acesso em: 15/07/2015.

CARMO, P. S. *Culturas da Rebeldia: a juventude em questão*. São Paulo: Senac, 2001.

CASTRO, J. A.; AQUINO, L. *Juventude e Políticas Sociais no Brasil*. Brasília: IPEA, 2008.

COIMBRA, C.; BOCCO, F.; NASCIMENTO, M. Subvertendo o conceito de adolescência. *Arquivos Brasileiros de Psicologia*, v. 57, n.1, p.2-11. 2005.

DICK, H. *Gritos Silenciados, mas evidentes: jovens construindo juventude a história*. São Paulo: Loyola, 2003.

GROPPO, L. A. *Juventude: ensaios sobre sociologia e história das juventude smodernas*. Rio de Janeiro: Difel, 2000.

HERCULANO-HOUZEL, S. *O cérebro em transformação*. Rio de Janeiro: Objetiva, 2005.

INSTITUTO HUMANAS UNISINUS. *Uma Igreja mais pastoral e menos administrativa: Entrevista especial com João Batista Libânio*. Disponível em:

<http://www.ihu.unisinos.br/entrevistas/522397-uma-igreja-mais-pastoral-e-menos-administrativa-entrevista-especial-com-joao-batista-libanio>. Acesso em 19/05/14.

KEHL, M. R. A juventude como sintoma da cultura. In: Novaes, R.; Vannuchi, P. (Orgs.). *Juventude e Sociedade: Trabalho, Educação, Cultura e Participação* São Paulo: Fundação Perseu Abramo, 2004. p. 89- 114.

LIBANIO, João Batista. *Teologia da revelação a partir da modernidade*. 5. ed. São Paulo: Loyola, 2005.

_____. *Eu creio, nós cremos: tratado da fé*. 2. ed. São Paulo: Loyola, 2005.

_____. *Olhando para o futuro: Prospectivas teológicas e pastorais do cristianismo na América Latina*. São Paulo: Loyola, 2003.

_____. *Os carismas na Igreja do Terceiro Milênio: discernimento, desafios e práxis*. São Paulo: Loyola, 2007.

LIBANIO, J. B.; GALACHE, G.; ALVES, J. *João Paulo II aos jovens: carta apostólica do Papa João Paulo II aos jovens e às jovens por ocasião do ano internacional da juventude*. São Paulo: Loyola, 1985.

LUTTE, G. *Liberar la adolescencia. La psicología de los jóvenes de hoy*. Barcelona: Herder, 1991.

MURAD, A.; BOMBONATTO, V. (Org.). *Teologia para viver com sentido: homenagem aos 80 anos do teólogo João Batista Libanio*. São Paulo: Paulinas, 2012.

NOVAES, R.; VANNUCHI, P. (Org.). *Juventude e sociedade: trabalho, educação, cultura e participação*. São Paulo: Instituto Cidadania e Fundação Perseu Abramo, 2011.

PERREAULT, J. Pensar a religião entre os jovens e pensar a juventude a partir da religião. In: CASTRO, L. R. *Juventude Contemporânea: Perspectivas nacionais e internacionais*. Rio de Janeiro, Eduerj, 2005.

SANDOVAL, M. *Jóvenes del siglo xx: Sujetos y actores en una sociedad en cambio*. Santiago: Ucsb, 2002.

SPRINTHALL, N. A. e COLLINS, W. A. *Psicologia do Adolescente: uma abordagem desenvolvimentista*. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian, 2003

SOFIATI, F. M. Juventude católica: o novo discurso da Teologia da Libertação. São Carlos: Edufscar, 2012.

TAVARES, F. e CAMURÇA, M. 'Juventudes' e Religião no Brasil: uma revisão bibliográfica. *Numen: revista de estudos e pesquisa da religião*, v.7, n. 1, 2005.

Anexo I

Entrevista concedida ao IHU online - Instituto Humanitas – Unisinos, por ocasião do aniversário de 80 anos:

- Qual o significado que o senhor dá para a sua vida, no ano em que celebra 80 anos?

Acolhi a vida como dom. Não pedi para viver. Deu-me Deus em primeiro lugar, como Criador. Meus pais, família, mestres, amigos, companheiros, enfim todas as pessoas com quem convivi nesses 80 anos contribuíram na construção da minha existência. Portanto, imensa gratidão! Ela nos livra da presunção e da arrogância. Sem dar-nos conta, tecemos a vida com os fios de cada pessoa com que encontramos, da que rezou por nós, de quem nos influenciou até mesmo através dos séculos pelos escritos, pelo enriquecimento da tradição que nos envolve. Perdem-se no infinito todos aqueles e aquelas que me marcaram o existir.

- Conte-nos sobre sua infância, adolescência, como despertou sua vocação?

Há dois olhares sobre a existência: o factual e o interpretativo teológico. Nasci em Belo Horizonte de uma mãe extremamente religiosa, da piedosa tradição do Sul de Minas e de um pai intelectual, professor catedrático de Medicina na então Escola de Medicina de Belo Horizonte, futura UFMG. Ele não praticava a religião, mas tinha o traço religioso da tradição familiar. A religião entrava-me pelos olhos e se vestia de beleza na forma da prática católica. Depois da morte de meu pai, quando era ainda criança, bastou o convite de um padre jesuíta para ir para o Rio de Janeiro, onde havia uma espécie de Seminário menor moderno. Com quase 12 anos não se sabe bem o que vem a ser padre. Mas ao longo dos anos em contacto com os jesuítas do Rio a vocação foi clareando até eu entrar no noviciado beirando os 16 anos. Com o olhar da fé, leio tudo isso como sinal da presença de Deus que nos oferece oportunidades de vida por meio das circunstâncias aleatórias da história.

- Fale sobre sua opção pela Companhia de Jesus. O que lhe encantou e continua encantando?

A Companhia de Jesus, por sua presença na história do Brasil e pelas obras educativas, projetava a imagem de uma Ordem de peso evangelizador e intelectual. Ainda bem criança, tive primeiro contacto com os jesuítas quando fui ver o famoso missionário popular

Pe. Arlindo Vieira que pregou na Igreja de São José dos padres redentoristas, a paróquia a que pertencia. Um segundo contacto veio de algo bem fortuito. Dois padres jesuítas estavam visitando casas em Belo Horizonte em busca de uma que pudesse ter as condições para aí iniciar o Colégio Loyola. Não sei por que bateram lá minha casa para vê-la. Mas não era grande suficiente para um colégio. Assim me ficaram na mente esses dois contatos esporádicos com os jesuítas. E belo dia outro padre jesuíta, Pe. Moutinho, visitando a casa de um tio, onde estava brincando, me interpela: que vc vai ser mais tarde? Nem sei por que, disse: padre. Bastou isso, para ele me levasse com quase 12 anos para o Rio, onde encetei a caminhada vocacional.

A Companhia de Jesus ofereceu e ainda oferece excelentes condições para quem quiser ter formação sólida em filosofia, teologia ou mesmo em outra especialização. Aprecio muito esse traço. Além disso, nela tive oportunidade de conhecer pessoas de altíssimo nível espiritual e intelectual. E na sua tradição até mesmo recente deu à Igreja pessoas de muito valor. Basta lembrar nomes como Teilhard de Chardin, K. Rahner, H. de Lubac e entre nós homens como Pe. Franca, Pe. Vaz e outros muitos.

- Quem foram os seus principais mestres e como eles influenciaram em sua vida de padre e de teólogo?

Determinadas pessoas me marcaram ao longo da formação sob diferentes aspectos. Em nível de colega, tive um amigo jesuíta alemão que naquele momento de adaptação ao Escolasticado de Frankfurt me foi de enorme ajuda. Depois ele saiu da Companhia e ainda vive com sua esposa já com boa idade. Mantemos ainda algum escasso contacto por e.mail. Em termos de personalidade, o jesuíta que mais me influenciou o encontrei em Roma no Colégio Pio Brasileiro: Pe. Oscar Müller. Esteve presente no início da minha primeira missão depois da 3ª Provação de orientar intelectualmente os estudantes do dito Colégio. Pe. Müller exercia a função de padre espiritual dos seminaristas e se tornou referência para mim pela profunda liberdade interior e em face das exterioridades comuns em nossas casas e no interior da Igreja. Pe. Antônio Aquino, que conheci ainda adolescente no tempo do Rio de Janeiro, incentivou-me ao estudo e me acompanhou especialmente por correspondência na formação intelectual. Devo a ele ter iniciado cedo a escrever. Tinha mentalidade bastante aberta para aqueles idos. Mantivemos amizade sincera e firme até a sua morte, embora tenhamos tomado posições intelectuais diferentes. Ele se encaminhou por vias mais conservadoras no final. No campo intelectual exceleu a figura do pe. Henrique Cl. de Lima Vaz. Depois que voltei da Europa em

janeiro de 1969 vivemos a maioria dos anos na mesma comunidade até a sua morte em 2002. Nutrimos longa e profunda amizade. Com o modo de viver simples, com a dedicação aos estudos, com a extrema modéstia e vastíssima cultura serviu-me de modelo vivo para minha trajetória intelectual e existencial.

No horizonte amplo da teologia, vivi os anos de transformação da Igreja por ocasião do Concílio Vaticano II e então me alimentei daqueles teólogos que estiveram na gênese do Concílio, especialmente de K. Rahner. Devo a muitos deles o que aprendi de teologia.

- Durante os anos do Vaticano II, o senhor estava em Roma? Como o senhor vivenciou o Concílio?

Comecei a exercer o cargo de Orientador de Estudos no Pontifício Colégio Pio Brasileiro em agosto de 1963. Estive presente na inauguração solene da segunda sessão do Concílio, presidida por Paulo VI, recém eleito papa. Recordo-me bem do impacto do discurso inaugural em que pedia aos padres conciliares que se debruçassem sobre a temática fundamental da Igreja. Que ela dissesse a si mesma quem ela era sob o duplo olhar para seu interior e para as relações com as outras denominações cristãs e religiosas, com o mundo contemporâneo na densa problemática atual.

Quase ao lado do Colégio Pio Brasileiro na mesma Via Aurélia 481, erguia-se a Domus Maria, sede da Ação Católica Italiana Feminina. Aí se hospedaram, durante o Vaticano II, quase todos os bispos brasileiros, juntamente com os da Hungria e de alguns outros países da África. Organizaram-se para eles, nas três últimas sessões do Concílio, 84 conferências de teólogos e de especialistas em diversos campos da moral, sociologia, exegese. Pude participar de muitas delas e assim entrei em contacto com homens, como K. Rahner, E. Schillebeeckx, Hans Küng, Oscar Cullmann, Y. Congar, B. Häring e inúmeros outros de altíssimo nível teológico. Verdadeiro banho daquela teologia moderna que gestou o Concílio. Certa vez, convidei para dar uma palestra para nossos alunos o então jovem teólogo alemão Josef Ratzinger com quem tive momentos de encontro pessoal, ao buscá-lo, ao jantar com ele e ao levá-lo de volta, além de ouvi-lo na conferência. Como então ele não falava nenhuma língua latina, fez a conferência em Latim sobre a Igreja, povo de Deus. Naturalmente ter vivido em Roma nesses anos conciliares e pós-conciliares permitiu-me vivenciar a explosão renovadora que atravessou todos os rincões da Igreja, desde a liturgia até a vestimenta eclesiástica, passando pela disciplina dos seminários. Momento de muita criatividade e liberdade que gerou

insegurança e descontrolo em diversas instituições eclesiais. Daí se entendem as contra-reacções surgidas nas últimas décadas.

- O senhor pode falar sobre o significado da Teologia da Libertação em sua vida, quais as conjunturas que lhe conduziram para essa opção teológica?

Quando voltei ao Brasil em 1969, vivíamos o regime de ferro do AI-5. No entanto, comecei a trabalhar com jovens do final do segundo grau e universitários em linha de pensamento crítico. Nutríamo-nos naquela década da teologia hermenêutica e aberta do Concílio Vaticano II, da teologia política de J. B. Metz e da esperança de J. Moltmann. Assim o campo estava preparado para dar o salto para a teologia da libertação. Modificamos o ângulo crítico teórico europeu para a realidade social de dominação a partir da situação das camadas populares numa perspectiva da libertação. Na CRB nacional, o pe. Marcello Azevedo criou a equipe teológica e a CNBB potenciou o Instituto Nacional de Pastoral. Nesses dois grupos, teólogos/as e outros/as cientistas se puseram a refletir sobre a Vida Religiosa e a Igreja naquelas conjunturas repressivas. Criaram-se espaço e clima para pensar a teologia crítica de viés social que se chamou “teologia da libertação” depois da publicação do livro de Gustavo Gutiérrez em 1971. Também participamos de Encontros Nacionais das Comunidades Eclesiais de Base que ofereceram excelente material para a reflexão teológica. Assim essa teologia crítica da realidade a partir dos pobres começou a influenciar os diferentes segmentos e setores da Igreja. A criação da coleção Teologia e Libertação por iniciativa de L. Boff e de outros levou-nos a pensar toda a teologia na perspectiva da libertação. Todos esses fatos e circunstâncias propiciaram o surgimento e desenvolvimento da TdL. Por ocasião de Puebla tivemos reunidos em bom número e colaboramos com bispos que nos pediam ajuda, embora já houvesse clima hostil aos teólogos da libertação. A caminhada da TdL não se processou tranquila e linearmente, mas com muitos tropeços, restrições, condenações, etc.

No entanto, ela prestou excelente serviço à Igreja da América Latina e também à de outros continentes, despertando visão comprometida da fé cristã. O fato de eu estar envolvido com todos esses fatores, contactos, grupos de reflexão, encontros de CEBs e outras coisas mais fez com que a minha teologia assumisse a conotação crítica no interior da Igreja e respeito às relações sociais.

- Em linhas gerais, o senhor pode narrar sua inserção pastoral em terras brasileiras, destacando aspectos que lhe foram marcantes?

Dediquei 11 anos à Equipe Teológica da CRB e fiz parte da Equipe de Seminários da CLAR. A partir daí, desenvolvi ampla pastoral junto a religiosos e religiosas. Praticamente percorri todas as regionais da CRB do Brasil e quase todos os países da América Latina e alguns da Europa dando cursos, fazendo palestras e assessorando capítulos de religiosos e religiosas. Alguns dos meus primeiros livros nasceram dessa presença junto à Vida Religiosa.

Desenvolvi durante algumas décadas presença a um grupo de jovens secundaristas e universitários do Rio de Janeiro, Estado do Rio, Minas Gerais, especialmente Belo Horizonte, Juiz de Fora e alguns de São Paulo. Reuníamos várias vezes por ano em feriados prolongados para estudo, reflexão, espiritualidade. Até hoje mantenho contacto com eles. Por ocasião dos meus 80 anos, um grupo de uns 80 se reuniram para relembrar aqueles anos e prometem continuar com algum encontro anual.

Fiz parte da Equipe do Ibrades. Além de seminários e de grupo de pesquisa no Rio, circulávamos pelo Brasil, sobretudo em regiões carentes, para ministrar curso de formação social para agentes de pastoral. Desenvolvi atividade semelhante em outra frente pastoral por meio do Instituto Nacional de Pastoral de cuja equipe fiz parte durante alguns anos. Inclusive organizamos cursos para bispos.

As atividades no campo intelectual e pastoral paroquial exigiram de mim o maior investimento de tempo e energia. Durante muitos anos ministrei cursos e palestras em vários países da América Latina, Europa e África. Ultimamente me tenho restringido ao Brasil. Ainda existe muita solicitação de palestras em Congressos, Simpósios, Cursos, Aula inaugural, etc.

Ainda no campo intelectual, absorve-me tempo e dedicação a tarefa de professor e escritor. Leciono teologia em nível de graduação e pós-graduação na Faculdade Jesuíta de Filosofia e Teologia de Belo Horizonte com tudo o que implica tal tipo de atividade em termos de aula, direção de estudos, orientação de monografias, dissertações e teses. E em articulação com tal função, dedico considerável tempo a escrever artigos e livros.

Finalmente, já desde o início da década de 60 assumi cada vez mais presença pastoral na Paróquia Nossa Senhora de Lourdes em Vespasiano, como vigário paroquial do padre Lauro, sacerdote diocesano. Ofereço colaboração nas celebrações, cursos, palestras, visitas a doentes, bênção de casas, administração de sacramentos, atendimento regular às

peessoas que me procuram. Algumas paroquianas deram-se, já faz décadas, ao cuidadoso trabalho de gravar as homilias e as publicaram em nove livros, encerrando a coleção. Doravante, elas as colocarão no site que elas mesmas alimentam. Aí se inserem também artigos que escrevi e que estou a escrever.

- Quais foram as grandes questões ou problemáticas que lhe implicaram como teólogo e pensador?

Resumiria nas duas palavras do Grupo de Pesquisa que oriento: Fé e contemporaneidade. Meu modelo de teologia se espelha na Constituição Pastoral *Gaudium et spes*. Esforço-me por pensar os problemas contemporâneos à luz da fé cristã. Predomina, portanto, a perspectiva de teologia fundamental e de reflexão sobre a cultura atual. Nesse campo, escrevi os meus livros de maior densidade e extensão. Entre eles citaria: . Teologia da revelação a partir da modernidade. [São Paulo: Loyola, 5ª ed. 2005]; Eu creio, nós cremos: tratado da fé. [São Paulo: Loyola, 2ª. Ed. 2005]; A Religião no início do milênio, [São Paulo, Loyola, 2012, 2ª ed.]; Olhando para o futuro: Prospectivas teológicas e pastorais do Cristianismo na América Latina, [São Paulo, Loyola, 2003]; Os carismas na Igreja do Terceiro Milênio. Discernimento, desafios e práxis, [São Paulo, Loyola, 2007]; Em busca de Lucidez. O fiel da balança. [São Paulo, Loyola, 2008].

Trabalhei temas bem diversos da pastoral e da metodologia como os livros: A arte de formar-se, [São Paulo, Loyola, 2004, 4ª ed.] e Introdução à vida intelectual São Paulo: Loyola, 2006, 3ª ed.]. Enfim, optei, não pela linha do especialista, mas do generalista, na expressão de Edgar Morin. Alimento semanalmente duas colunas de Jornal [Jornal de Opinião e O Tempo de Belo Horizonte] além do site da Faculdade Dom Helder.

- O que lhe motiva a caminhada como padre, educador, escritor, teólogo? Como concilia essas diversas dimensões em sua vida?

Cada vez mais frequente o Jesus histórico e a partir dele busco luz para a vida, pastoral e estudos. Aliás, pertence ao cerne da espiritualidade inaciana dedicar nos Exercícios Espirituais amplíssimo espaço às meditações dos mistérios da vida de Jesus. Hoje com a contribuição da exegese e de estudos históricos, a figura do Jesus palestinese, mesmo que lido à luz da ressurreição, se nos torna expressiva e instigante. E impressiona-me em Jesus a

liberdade em face das formalidades e costumes da época, considerados lei de Moisés. Jesus apelava para o princípio superior do bem das pessoas, a partir do qual interpretava as prescrições. Não se enroscava em discussões formais de legalidades, próprias dos fariseus de seu tempo.

No momento atual de pós-modernidade vivemos o paradoxo de extrema subjetividade e de ritualismo exterior acentuado. A subjetividade não se molda pela liberdade interior, nascida da experiência da proximidade de Jesus, mas da autocentração hedonista e narcisista. E o ritualismo reforça tal perspectiva. A própria exterioridade confirma o lado autocentrado da pós-modernidade.

Jesus aporta claro antídoto a tal tendência já que ele afirma, como norma suprema, o amor de si até a entrega da vida pelo e para o outro. Não há maior amor que dá a vida. Vida hoje significa tempo, cuidado, liberdade de e para, serviço.

- Ao celebrar 80 anos, qual é a mensagem de vida o que senhor gostaria de compartilhar com os leitores da IHU On-Line?

Palavra de incentivo à liberdade, à capacidade crítica, iluminada pelo cuidado das pessoas nas pegadas do Jesus palestinese. Há duros sofrimentos escondidos atrás de aparentes belezas. Dói às pessoas a percepção de que lhes falta alguém a interessar-se por elas e a cuidar delas. Ao cristão caberia hoje a missão de especial cuidado especialmente pelos desprezados, marginalizados, deixados fora do círculo de humanidade. Continua viva mais do que nunca a mensagem de Jesus de que ele se identifica com o que tem sede, fome, está desnudo, preso, enfermo, sente-se estrangeiro política e religiosamente. E a esses, que, em linguagem do atual sistema, se chamam excluídos, se dirige nossa principal atenção. Acrescente-se a necessidade de especial cuidado para com o Planeta Terra, cuja destruição semeia morte por todos os lados.

Essa última palavra de cuidado leva-me a pensar na figura maravilhosa de D. Luciano Mendes de Almeida. Ele viveu, em grau heroico, o cuidado minucioso, atento às pessoas necessitadas, àquele que dorme na rua, à menina de rua carente de carinho, ao ancião esquecido da família. Fique o exemplo desse homem extraordinário como lembrança e estímulo para nossa vida de cristão.